

Joice Bittencourt

Paixão Súbita



18+

CLASSIFICAÇÃO INDICADA



Copyright © 2018 *Joice Bittencourt Romances*.

1ª Edição

Todos os direitos reservados. Proibida a reprodução, a distribuição e o armazenamento, no todo ou em parte, por quaisquer meios, sem autorização prévia da autora.

Obra:

Paixão Súbita

Autora:

Joice Bittencourt

joicerbittencourt@gmail.com

Joice Bittencourt Romances

Janeiro de 2018

1

Um dia ouvi que, o que estivermos fazendo a meia noite do último dia do ano, faremos durante o próximo ano inteiro. Sempre acreditei em coisas assim, acredito até hoje.

Movida por este pensamento, aqui estou.

Quem, além de mim, sairia na calada da noite com uma mochila nas costas e alguns reais na carteira rumo à rodoviária? Quem caminharia pelas ruas do Rio, atravessando passarelas e viadutos para economizar, sem se preocupar com os perigos do breu?

Aperto o passo. Já consigo ver as luzes, o movimento de pessoas chegando e partindo como um formigueiro desordenado. Vendedores ambulantes gritam tentando chamar a atenção de seus clientes, crianças choram, tudo ao mesmo tempo. Aposto que há muita história entre estas paredes. Agora elas também guardaram a minha.

Esbarrando em diversas pessoas, caminho lendo os destinos possíveis nos letreiros sob os guichês de diversas companhias de ônibus. Procuro pelo mais distante.

Todos aqui carregam malas, sacolas e presentes, mas comigo há apenas o indispensável: Documentos, poucas mudas de roupa, um par de chinelos, uns itens de higiene, uma garrafa de água e biscoitos de nata. Tudo que possuo a partir de hoje. O bastante? Mais do que o suficiente. Nunca refleti sobre o que seria realmente indispensável na minha vida. Hoje eu sei.

Uma vida inteira sendo aquilo que deveria ser para que os outros tivessem o direito de errar me fez enxergar aquilo que estava diante dos meus olhos. Eu não preciso ser forte. Eu posso fugir. Onde está escrito que devemos ser fortes e segurar todas as petecas da vida, mesmo as dos outros? Quem disse que herdo os erros dos meus pais? Não quero, não aceito mais essa herança.

Todos em Duque de Caxias conheciam minha mãe. Todos menos eu. Sei que chegou no carnaval de 87, que era bonita e vivia em roda de samba requebrando as cadeiras no colo do malandro que lhe oferecesse um copo de cerveja. Também sei que era a rainha da confusão, onde quer que estivesse, com quem estivesse ou seja lá quantos copos virasse. Ela dava show, era o centro das atenções e gostava.

Em 89 ela arranhou um cara. Não importa o nome porque se eu tiver que lembrar de todos, estou ferrada. O sujeito tinha um bar, uma portinha qualquer na entrada da Favela do Lixão. Nada além de dois metros quadrados com sacolé, cerveja, balas baratas e salgado com refresco. Pelo pouco que ouvi, ela começou a fazer uns caldos toda sexta-feira a noite e com o tempo ali virou um ponto de encontro.

Depois que o tal morreu, minha mãe ficou com o bar e tocou em frente. Não demorou até que ela arrumasse outro cara. Resumindo, esse deixou para ela um fusca branco velho e dois dentes quebrados. Como precisava arrumar o estrago, o próximo foi o dentista que atendia na mesma rua e depois o vendedor de ovos, o chaveiro... Assim.

Isso nunca acabou. Eu nasci em novembro de 1997, o que me diz que fui concebida no carnaval do mesmo ano. Sendo assim, e mesmo se fosse diferente, nunca soube quem foi o responsável por mim. Irresponsável no caso.

Nasci e vivi dentro daqueles dois metros quadrados por toda a minha vida. Nos fundos um quarto e um banheiro com janelas voltadas para a rua foram tudo o que eu conheci como lar. Não havia uma porta entre o bar e a casa, apenas uma cortina de miçangas coloridas que fazia um barulho do qual jamais me esquecerei.

Foi exatamente isso que deixei para trás hoje.

A mulata escandalosa que vivia na companhia de um copo e um cigarro não está mais aqui. Minha mãe morreu dormindo meses atrás dentro do seu fusca, fedendo a cachaça ao lado de um outro

alguém que não importa o nome, porque era apenas mais um dos muitos.

O grande problema foi o que ficou. Ela deixou dívidas de jogo do bicho, dívidas com fornecedores de bebidas, vizinhos, traficantes. Quem aceitou, recebeu com sexo. Quem esperou o dinheiro, ficou sem. E eu? Pois é... Eu fiz o meu melhor para pagar os credores, retribuir os favores e seguir em frente. Pena que o meu melhor não foi o suficiente. Nunca era, as pessoas simplesmente não paravam de bater a minha porta.

Com o meu maravilhoso salário de comércio foi impossível.

O ano de 2017 está terminando e com ele o meu inferno astral. Não que alguém tenha me dito, mas sim pela minha decisão. Hoje, pela última vez, encontrei alguém escorado a porta de aço enferrujada com um bloquinho na mão. Depois de ser demitida do meu emprego temporário e receber os meus direitos, tive que entregar mais da metade sem pestanejar.

Com o que sobrou eu poderia escolher entre pagar contas atrasadas de luz e água ou comprar comida.

Não paguei as contas e nem comprei comida.

Acompanhada de um salgado gorduroso e refrigerante de limão diet, inspiro o ar quente e poluído. Olho para todos os lados guardando na memória o que deveria tentar esquecer. Preciso aceitar melhor a minha própria decisão e recomeçar com uma única certeza: será melhor do que está.

Pouco a pouco, as pessoas guardam suas bagagens e adentram no ônibus procurando seus lugares. Deixo que a fila ande, não tenho pressa. Só depois que o último passageiro desaparece, desperto do meu momento de devaneio. Com a mochila pendurada em um ombro e o lanche equilibrado em uma das mãos, entrego o bilhete ao motorista que observa meu rosto com atenção, parece desconfiar ou sentir a angustia que carrego.

Não estou triste, não quero lamentar. Estou angustiada, desesperada e desejosa por algo novo. Uma chance de recomeçar

e encontrar, sabe lá Deus onde, o que foi reservado para mim. Quando finalmente sento em minha poltrona, ao lado do banheiro, respiro aliviada.

O tempo passa. Durmo e acordo diversas vezes. Cada vez que um dos muitos passageiros abre a porta do banheiro, desadormeço no susto acreditando ser um acidente.

Depois de 12h e três paradas, finalmente o destino: Santa Cana, uma cidadezinha rural longe de tudo e perto de lugar nenhum. Um daqueles lugares que cresceram em volta de uma praça que rodeia a igreja, onde árvores são podadas pelos donos das casas e o leite é vendido de porta em porta.

Desembarquei com mais poucas pessoas em uma rodoviária pequena de beira de pista, porém, com excelente estrutura. O ônibus seguiria viagem até a próxima cidade, mais urbana. Fui informada que precisaria de um taxi para chegar ao centro, mas para economizar preferi seguir a pé pelo caminho informado. Pelo acostamento consegui encontrar a entrada indicada, que com o finalzinho da tarde começava a escurecer, e até onde minha vista alcançava, não parecia ter postes ou qualquer iluminação.

Apressada, segui o meu caminho cercada por um alto canavial. Ao longe vi o céu se pôr deixando as folhas verdes ainda mais brilhantes e um risco rosa alaranjado pareceu dar-me as boas-vindas.

— Eu aceito tudo que a vida me oferecer. — penso em voz alta.

Ao aproximar-me da cidade, noto que é um pedacinho de paraíso escondido. É noite de natal e tudo está perfeitamente iluminado como em um presépio. Os troncos dos oitis envolvidos com pisca-piscas, a grama bem aparada e janelas decoradas. Em cada porta uma guirlanda diferente.

No reflexo de um carro, domo meus cachos, aliso minha camiseta e tento não parecer com a pior versão de mim, mas com alguém que quero me tornar.

Missão cumprida: — Agora é encontrar um teto.

— Com licença. — abordo uma senhora com cara de vó — Eu acabei de chegar e procuro por um hotel ou pousada. A senhora sabe onde posso encontrar?

Ela não disfarça o espanto, olhando-me dos pés a cabeça duas vezes antes de dizer qualquer coisa.

— De onde vem? — pergunta desconfiada.

— Venho do Rio de Janeiro.

— É longe. Está de passagem ou veio para ficar?

— Vim para ficar. — respondo pacientemente — A senhora sabe onde posso encontrar o que procuro?

Depois de coçar a cabeça, ela aponta para uma banca de jornal do outro lado da praça e indica o caminho. Por sorte parece bem perto. Meus pés doem e a fome mostra seus efeitos.

Agradeço e praticamente corro na direção indicada.

“Pensão da Ilma”

Sorrio ao encontrar exatamente o que esperava: uma casa com janelas voltadas para a rua, portas azuis e paredes brancas. O telhado parece original de séculos atrás, daqueles feitos nas coxas dos escravos. Entro atenta, mas não há ninguém, apenas um balcão de madeira e um corredor longo ao lado de uma escada caracol.

— Olá! — digo alto.

Ninguém responde.

Bato palmas. E então novamente até que ouço passos apressados vindo do corredor. Meu coração acelera e cruzo os dedos com os braços para trás até que uma mulher na casa dos quarenta anos aparece vestindo um avental sujo e nas mãos um pano de prato.

— Pois não? — diz ela ofegante.

— Oh... Acabei de chegar e preciso de lugar para ficar. — digo.

Mais uma vez sou examinada. As pessoas aqui não têm o menor constrangimento em analisar os outros. A mulher muito branca com uns poucos fios grisalhos escapando de seu coque, limpa a sujeira de massa dos dedos longos e oferece um cumprimento educado.

— Prazer, sou Ilma. Não repare o meu estado, estou atrasada com a cuca para a ceia.

— Eu sou Agatha.

— Você tem como pagar pelo quarto, Agatha?

Por pouco tempo... mas ela não precisa dessa informação.

— Tenho sim, senhora. Quanto é a noite? — pergunto tão sem jeito que ela percebe.

Ela pensa por alguns instantes e diz:

— Se tiver vontade de trabalhar, preciso de muita ajuda. O que posso oferecer é um abrigo e comida.

— Eu aceito!

— Sem saber o que terá que fazer? Deve estar desesperada.

— A senhora precisa de ajuda e eu de um teto.

Ela caminha para dentro do corredor e a sigo sem fazer perguntas até chegarmos a uma enorme cozinha industrial. Era a última coisa que eu esperaria encontrar em uma construção tão tradicional. Cinco pessoas embalam e carregam comidas de todos os tipos, bolos, assados, doces e guarnições. Há uma porta nos fundos e passando por ela, uma caminhonete abarrotada com as preparações.

— Preciso entregar estas encomendas para a ceia do Barão. A princípio deveria ser um evento para cinquenta convidados, mas de repente já estamos em cento e vinte. Preciso de toda ajuda possível para mandar o suficiente... Não! Preciso de fartura ou estarei em maus lençóis.

— Barão? — não posso evitar sorrir com o termo.

— Sim. O Barão da Cana. Se chegou aqui, viu a imensidão verde que nos cerca.

— Vi, mas...

— Pois então. Tudo aquilo tem um único dono e todos o chamam de Barão. A família Rezende é a grande responsável pelo crescimento de Santa Cana.

— Que coisa mais retrograda.

— Aceita a minha proposta ou não? — pergunta impaciente.

— Claro!

— Isaias, esta é Agatha e ela vai com você até a sede. — Ilma grita para o rapaz da caminhonete — Germana vai precisar de toda a ajuda possível.

Tudo acontece muito rápido.

Em um segundo estou no carro segurando uma forma coberta por panos de prato enquanto chacoalho tentando manter-me firme sem estragar nada, no outro me junto a Isaias carregando apressada tudo que há na carroceria.

É uma fazenda antiga. O local é assustadoramente grande. Uma casa enorme de fazenda com palmeiras demarcando a estrada principal e muita área verde. Vejo pouco do entorno devido a escuridão, mas fortes refletores fazem a casa parecer uma miragem. São tantas janelas que mal posso contar.

Faltam vinte minutos para as 21h e um caos organizado se instaura entre as muitas pessoas que trabalham para que o evento saia perfeito.

Troquei poucas palavras com Germana, uma senhora idosa, porém absurdamente ativa que me recebeu. Parece uma espécie de governanta, elegante e sisuda, provavelmente alemã.

Descobri que o que eu carregava era um *kuchen*. O doce favorito do anfitrião e uma tradição em suas recepções. Provavelmente ela mandaria me executar se a derrubasse.

Mentira... Essa parte foi da minha cabeça mesmo.

Quando os primeiros carros começam a chegar, Germana pede que eu fique para ajudá-la na cozinha e oferece um bom dinheiro em troca. Na atual situação qualquer trocado é muito valioso, e por isso aceito feliz.

Permaneço na cozinha. Encho copos, preparo as bandejas para que os garçons sirvam. O serviço é constante, tão intenso que preciso segurar o xixi. Nem ao menos sei onde fica o banheiro deste lugar.

Meu rabo de cavalo virou um coque e o pouco de tempo que tive usei para colocar uma toca e abanar o rosto. Está quente, meu suor começa a aparecer e grudar os fios junto a pele do meu pescoço e isso me incomoda.

— Preciso de dois minutos. Onde fica o banheiro? — pergunto para um dos garçons, que me indica o caminho com o braço em riste.

— Saindo pela porta, primeira direita, depois a segunda esquerda e direita no fim do corredor. Não tem erro.

Não tem erro!

Saio correndo sem poder segurar mais. Minha bexiga lateja em desespero e as primeiras gotas molham o fundo da minha calcinha. Abro o botão da calça para aliviar o aperto e procuro em um corredor com várias portas.

Para que tantas portas assim?

— Mas que merda! — resmungo depois do terceiro erro.

Penso em voltar no caminho, mas não consigo lembrar as palavras do garçom.

Direita, primeira esquerda... ou segunda direita e depois fim do corredor? Não. Era primeira direita e segunda direita... mas era fim do corredor com certeza.

Estou no final do corredor. Não é possível que tenham tantos corredores assim aqui.

Talvez seja.

Abro mais uma porta e acendo a luz. É um escritório ornado com mais madeira do que a Amazônia inteira. Sem dúvida o lugar mais masculino que já entrei na vida. Cheira a mogno e livros velhos.

Certamente, eu não deveria estar aqui, mas...

Há uma porta aberta lá dentro e olhando de onde estou posso jurar que é um banheiro. Banheiros têm privadas e estou trocando um reino por um sanitário neste momento. É simplesmente entrar, fazer xixi e sair sem que ninguém perceba. Dois minutos.

Fecho a porta atrás de mim e caminho desconfiada até o meu foco. Só tenho olhos para o oásis de alívio com azulejos brancos e louça fria. Ouvir o primeiro jato é música. Sério! Nunca quis tanto fazer isso. Que alívio.

Acho que desde a hora que saí do Rio não urinava.

Jogo uma água no rosto depois de lavar as mãos. Arrumo um pouco o meu cabelo, admiro o reflexo no espelho e por breves segundos sorrio satisfeita para a mulher do outro lado. Estes são os primeiros passos para o novo, o primeiro dia da nova fase da minha vida.

Assusto-me ao lembrar que precisam de mim na cozinha. Consigo ouvir música instrumental tocando em não muito longe daqui.

Dou uma última olhada em volta e saio para o corredor. Preciso correr.

— Quem é você e o que fazia aí dentro.

Oh não...

Congelo com a mão firme sobre a maçaneta. Mal posso respirar.

Recomponho-me, giro 180° tão lentamente quanto possível e com os olhos baixos vejo um par de sapatos pretos.

Que pé enorme. — penso de nervoso.

— Estou esperando a sua resposta. — diz o dono dos sapatos pretos com voz grave e pesada. Sua entonação foi mais intensa no “estou”.

Meus olhos sobem gradativamente pela calça impecavelmente passada, a fivela grafite do cinto e os primeiros botões da camisa. Seu paletó está aberto. Respiro fundo e ergue o queixo de uma vez... que por pouco não cai no chão.

Talvez seja a roupa elegante, as sobrancelhas grosseiras ou a altura... Talvez seja o susto, mas não lembro de ter visto um homem tão arrebatador na vida.

— Sou Agatha. — estendo a mão, mas ele não retribui — Estou ajudando na cozinha.

— Aqui não me parece com a cozinha. — rebate olhando em volta.

— Sim, não parece. Precisei usar o banheiro e me perdi com todas essas portas. No desespero usei o que tem ali dentro. — digo a última frase com vergonha — Sinto muito.

— Mexeu em alguma coisa? Porque se mexeu eu saberei.

O tom de acusação ferve o meu sangue e mudo imediatamente de envergonhada para defensiva. Sou nascida em favela, negra e sei perfeitamente como me defender deste tipo de gente.

— Mexi na privada, mas fique tranquilo porque dei descarga. Usei algumas gotas do sabonete líquido também. Muito cheiroso por sinal. — vasculho os bolsos — Não peguei nada daí de dentro.

A mensagem chega exatamente como deveria e vejo a armadura rachar um pouco.

— Não a acusei de nada.

— Claro que não.

Ouçó passos rápidos, e antes que possa dizer mais, Germana aparece.

— Inácio...

Eles se olham.

— Acredito que esta moça esteja te ajudando na cozinha, Germana. Ela está perdida.

— Sim, sim, Inácio. — e olha para mim severa — Táбата, anda menina!

— É Agatha.

— Será “Olho da rua” se não apertar o passo.

2

Durante toda a noite aqueles olhos amarelos povoaram os meus pensamentos sem trégua. Enchi muitas taças, montei centenas de pratos e bandejas finas recheadas de tudo que há de melhor, sempre com a voz e o olhar do homem que Germana chamou por Inácio assombrando meus pensamentos.

O nome é tão forte quando a aparência.

Às 0h um show de fogos começa colorindo o céu, dando um espetáculo deslumbrante a todos. Neste momento não há convidado ou serviçal, cada um dos presentes se atenta por um breve instante para apreciar o brilho formando desenhos delicados na imensidão negra.

Emociono-me e uma lágrima cai com a lembrança do ano anterior, onde mesmo com todos os defeitos minha mãe estava comigo. Ela fazia questão de permanecer ao meu lado até à meia noite... depois disso saía pela cidade pendurada no escolhido da vez. Muitas das vezes, quando eu acordava, ela ainda não havia retornado. Sempre foi assim, até mesmo quando a idade não me permitia ficar só. Naquela época, conselho tutelar não entrava em favela.

— Aceita?

Surpreendo-me ao olhar para o lado e encontrar os mesmos olhos amarelos de antes. Agora sem o terno. Ele segura duas taças de champanhe e me oferece uma delas em um gesto cordial. Meus olhos vão do seu rosto para a sua mão um par de vezes antes de aceitar a oferta. Pego-a, mas não bebo.

— Obrigada. — falo automaticamente, voltando o rosto para o céu.

O barulho é intenso e os estouros não param.

— Você não é daqui. — diz ele com o rosto muito próximo ao meu ouvido.

— Cheguei hoje à cidade.

— Chegou na noite de natal? — confirmo com a cabeça — Visita a família, amigos? Como chegou à Santa Cana?

— Eu sou obrigada a responder todas as suas perguntas?

Ele não diz nada. Vira a sua taça e sai caminhando elegantemente.

Observo-o de costas. Seu andar é seguro, as pessoas param o que estão fazendo para admirar o desfile com olhos apaixonados.

Estou certa de que ele é o Barão da cana de açúcar.

Quando a noite finalmente termina, faltam menos de duas horas para o sol nascer. Germana entrega-me um envelope e agradece pelo serviço. Ela faz o mesmo com todos, e percebendo que ninguém confere o que recebe, fico sem jeito de ser a única.

Chacoalho em uma van pela estrada de terra. No caminho muitas paradas são feitas e um por um, todos são deixados em suas casas. Por sorte o motorista chamou pelo meu nome quando paramos em frente a pensão, ou eu não acordaria. O sol começava a sair e muitos galos anunciavam o amanhecer.

Precisei bater e com cara de quem não havia dormido, Ilma veio me atender.

— Bom dia, Agatha!

— Bom dia! Acho que nenhuma de nós dormiu. — comento fechando a porta atrás de mim.

— Depois que tudo estava encaminhado fui para a casa dos meus pais passar a meia noite. Acabei de chegar.

Caminhamos juntas até a cozinha. Uma chaleira apita anunciando a água quente e em um coador de pano, Ilma passa o café.

— Seus pais moram por perto?

— Moram em cima da farmácia, a única da cidade. Meu irmão é o farmacêutico e mamãe o ajuda no que for preciso, tanto lá quanto aqui.

— É difícil imaginar uma cidade com apenas uma farmácia. Onde eu morava, em cada esquina podemos encontrar.

Ela coloca uma xícara e um prato de bolo sobre a mesa e senta do outro lado.

— Santa Cana começou com uma venda onde hoje funciona uma sorveteria. Era lá que os funcionários da fazenda compravam mantimentos ainda na caderneta. Com o tempo as pessoas foram construindo suas casas e com isso brotaram os comércios. Eu nasci aqui. Meus pais vieram de longe para trabalhar com cana, assim como todos os moradores mais antigos, e acabaram ficando.

Bebo o meu café, interessada em tudo o que diz. Em silêncio, imagino cada detalhe.

— Vai contar algo sobre você? — Ilma pergunta — Há alguma coisa que eu deva saber?

Nervosa, solto uma risada e finalmente respondo.

— Não estou fugindo da polícia, sou uma pessoa comum. Acho que só preciso de novos ares.

— Sem passado, sem família... — comenta pensativa.

— Eu sou filha de mãe solteira, nunca conheci meu pai. Ela não está mais entre nós. — conto parte da minha história. Se ela vai me abrigar debaixo do seu teto, merece saber quem sou.

— Se estiver disposta, pode ficar e trabalhar. Qualquer ajuda é bem-vinda, essa época do ano é muito movimentada por aqui. Hoje tenho a tradicional festa na casa da fazenda Barão Rezende e ainda as encomendas de clientes menores. Quando virar o ano veremos. Por hora, te ofereço abrigo e comida.

— Por mim está perfeito. — tento elaborar uma pergunta — É... esse Barão de quem você fala... Ele... É um senhor velho com cachimbo e suspensório?

— Se me faz a pergunta tão desconsertadamente, é porque já o conheceu.

— Eu...

— O conheceu? — questiona com os olhos arregalados.

— Talvez. Não sei se era ele.

— Descreva-o.

Respiro fundo e tento soar superficial.

— Alto. Muito alto. Bem vestido. Cabelos negros.

— Você acabou de descrever qualquer pessoa. Foi só isso que reparou nele?

Pode ser. Mas foi o que eu vi. Ou talvez seja o que gostaria de ter visto... Só que vi mais.

— Ah... Ele cheirava muito bem. — Lembro-me nitidamente do perfume — Tinha olhos dourados, quase verdes... quase castanhos. O rosto era forte, tão másculo que beira o grotesco e sua boca era cheia, ressecada e brava.

Sem querer continuar com a descrição minuciosa, me calo. Então encaro Ilma e encontro humor em seu rosto com um semi sorriso escapando pelos lábios.

— Este é exatamente o Barão.

— Nos cruzamos pelo corredor e depois ele veio cheio de perguntas.

— E você respondeu.

— Não!

— Se não tem nada a esconder, qual o problema em contar?

Não tenho nada a esconder, mas sinceramente, senti o meu espaço sendo invadido por aquele homem exalando territorialismo e autoridade.

— Foi um impulso.

Ilma recolhe as xícaras e vai até a pia falando rapidamente:

— Tudo o que você vê nos arredores era terra do bisavô dele. O primeiro Barão cedeu espaço para os empregados construírem suas casas e depois os comércios, a igreja e qualquer outra coisa. Depois dele, o avô deu continuidade, colocou tudo no papel, preto no branco. Todos passaram a ter direitos, escrituras de suas casas, condições de construí-las e mantê-las. Não demorou muito até que o pequeno vilarejo virasse uma cidade. Nada foi dado, mas conquistado com dignidade, porque cada um pagava com parte do que recebia na usina ou na lavoura. As coisas prosperaram cada vez mais. O tempo passou e hoje vivemos a quarta geração dos barões de Santa Cana.

— E por isso devo me curvar? — a ideia de me submeter aquele sujeito ou a qualquer outro parece tão absurda. Inadmissível.

— Ele pediu que se curvasse?

— Faltou pouco.

Talvez eu esteja exagerando nas palavras, mas por dentro sinto-me envergonhada.

Saímos da cozinha e subimos para os quartos. Finalmente tomo um banho quente, desfaço a cama e deito o meu corpo sobre o colchão confortável. Nunca tive tanto espaço para dormir.

Meus olhos vagueiam pelo quarto escuro observando a claridade passar através da fresta da cortina de chitão. Imagino coisas, crio mininovelas protagonizadas por mim e pelo famoso Barão, como eu lia nos romances de banca, até que o sono vence.

Estou angustiada. Corro perdida pelos corredores estreitos da favela. Um martelo gigante tenta acertar a minha cabeça repetidas vezes. O barulho oco do metal se chocando contra o chão parece cada vez mais alto. Por pouco ele não acerta a minha cabeça... Continuo correndo.

— Agatha!!! Agatha, acorde!!! — Uma voz feminina chama por mim.

No susto, desperto suada com a manta embolada entre minhas pernas e o travesseiro jogado ao chão.

— Agatha! — reconheço a voz de Ilma chamando pelo meu nome.

Enrolo-me as pressas e salto da cama tropeçando em minhas próprias pernas. Destranco a porta e encontro Ilma vestindo um avental, touca e chinelos com meias vermelhas.

— Bom dia, Ilma. Aconteceu alguma coisa?

— Sei que dormimos pouco, mas logo será hora do almoço e achei que você poderia descer para me ajudar.

Esfrego os olhos ainda drogada pelo sono.

— Você trabalha na manhã de natal? — pergunto incrédula, mas disposta a ir se necessário.

— Não. Claro que não. — sorri — Minha mãe e meu irmão virão para o almoço de Natal. Quer ceiar conosco?... — dá de ombros — E dar-me uma mãozinha?

— Ah, sim! Já vou descer.

Mais que depressa, escovo meus dentes e visto uma muda de roupa. O jeans precisa de uma lavada, mas não tenho tempo. Entro, visto uma camisa limpa e calço meu velho all star vermelho. O banheiro fica no final do corredor, é de uso comum, mas está vazio.

Como duas formigas trabalhadeiras, eu e Ilma aprontamos a mesa em vinte minutos. As sobras do refinado jantar parecem recém feitas. Além de hospedar pessoas, a mulher que me abriga também cozinha de tudo. E como uma casa de cozinheira que se preze, aqui não faltam pratos fartos e saborosos.

Cidade do interior é porta aberta e casa cheia. Quando o relógio marca meio dia, alguém grita da entrada e anuncia a sua chegada, sem demora aparem no corredor. A mãe de Ilma é a sua versão mais velha com cabelos brancos e coque perfeitamente alinhado, além de longas unhas vermelhas enfeitando as mãos enrugadas e manchadas de sol.

Logo atrás vem um homem que imagino ser o seu irmão. Este não se parece com nenhuma das duas. Tem pele mais morena, é

alto, olhos e cabelos escuros. Bonito demais para um farmacêutico de cidadezinha do interior que deve passar tempo demais escondido atrás de um balcão.

— Que bom que chegaram! — comemora Ilma.

— Se dependesse dela estaríamos aqui desde que o galo cantou. — diz o irmão apontando para a mãe.

Os dois parecem cúmplices, enquanto a senhora encantadora resmunga esticando a toalha da mesa perfeitamente posta.

— Sávio, esta aqui é Agatha, minha nova hóspede e ajudante na pensão.

Sorrio para ele tentando parecer menos constrangida do que realmente estou e ele retribui o gesto.

— Anda explorando os hóspedes? Achei que era só comigo. — brinca ele, que ganha um soco da irmã no braço.

— Sempre terei espaço para os seus serviços gratuitos, Sávio. Por hora, Agatha irá me ajudar em troca de hospedagem.

Percebo que ele estranha a informação, mas não questiona.

Sentamos juntos a mesa para a ceia de natal. Aos meus olhos parece inaceitável que alguém dê tanta intimidade a uma estranha recém-chegada como eu. Para eles sou apenas mais uma pessoa e não parecem se importar de onde venho ou como cheguei, mas sim se desejo ficar e se tenho um bom coração.

Divirto-me com os irmãos contando casos e lançando farpas de provocação, onde no fundo há carinho. Essa imagem de novela onde uma família come à mesa, conversa sobre o novo namorado da vizinha e briga pela coxa do peru, eu nunca tive. Vejo as cenas a certa distância, olhando de fora para guardar cada segundinho na memória.

O sol intenso atravessa a janela, bicicletas e poucos carros passam do lado de fora enquanto crianças sorriem brincando de corda. O mundo gira lentamente, o relógio preguiçosamente pulando o tempo como se o amanhã pudesse esperar.

Em menos de 24h sei que é assim que pretendo viver daqui para frente.

— Ôh de casa! — grita em voz grave alguém que entra sem recato.

Ouçõ os passos pesados contra o peso de tábua lustroso.

Todos olham em direção ao corredor, esperando o visitante aparecer. E ele logo faz a sua entrada triunfal. Parece um cavalo, elegantemente desfilando com jeans apertado, camisa de botão e botas de couro.

Ilma e seu irmão imediatamente se põem de pé para cumprimentar o intruso em nosso almoço natalino.

— Inácio. — dizem os três em uníssono.

— Sávio. Ilma. Dona Yolanda.

— Veio almoçar com a gente? — pergunta Ilma.

— Se eu não for atrapalhar, aceito sim.

Aceita?

Se esse é o Barão da cana, porque está mendigando comida na casa dos outros?

Permaneço sentada onde estou. A mãe de Sávio e Ilma, estende a mão e recebe um beijo do Barão. Recebo um simples movimento de cabeça e nada mais.

— Que honra tê-lo aqui. — diz Ilma entregando a ele um prato — Mas mate a minha curiosidade e diga o que o traz.

A mesa é grande, oito lugares, no entanto, ignorando as quatro cadeiras vazias e disponíveis, ele escolhe sentar-se ao meu lado.

— Ontem a festa foi longa, todos trabalharam muito, deram o seu melhor. Nada mais justo do que um dia de folga. Além do mais, é Natal e todos querem estar com suas famílias.

— É verdade. — concorda Sávio.

— Recebi alguns convites, mas confesso que prefiro coisas menores. Só mantenho a festa de natal porque é uma tradição de

quatro gerações. Não posso mudar isso.

— Pelo amor de Deus! Conto com isso todos os anos. Sua festa é o meu décimo terceiro salário.

Todos riem do comentário de Ilma e faço o mesmo, mas volto a ficar séria quando percebo grandes olhos dourados a me observar atentamente.

Enquanto comemos, nossos braços se esbarram e a cada momento de conversa, sua voz parece penetrar profundamente em meus tímpanos enviando vibrações intensas por todo o meu corpo.

Noto que os singelos esbarroes ficam mais frequentes, demorados e pontuais. Ele encosta e se afasta, espera a minha reação, analisa pelo canto dos olhos as micro expressões do meu rosto. Tudo enquanto conversa avidamente com Sávio sobre o mercado da cana e futuros investimentos. Pelo que entendi, os dois cresceram juntos e quando criança atrapalhavam Ilma, que já era mocinha e tentava conquistar o seu primeiro namorado.

Pelo o que pareceu uma eternidade, não nos tocamos. Ele manteve-se longe, quase imóvel. Por alguma razão, isso esfria o meu corpo, faz uma carência estranha ganhar destaque e sem conseguir impedir, ou sem querer impedir, toco-o... Toco em seu dedo mindinho.

Eu não precisava daquela faca, mas a peguei e depois fiquei feito boba sem saber o que fazer e terminei por cortar uma uva passa.

Inacreditável.

Mas sim, eu cortei a passa. Era a última coisa em meu prato e não poderia justificar o toque “acidental” de outra forma.

Nervosa com minha própria atitude ridiculamente descabida, pousei garfo e faca sobre o prato, mas não sem tremer. Não sem deixar soar um tilintar denunciante.

— Ilma, será que consigo aquele café preto? — Inácio pediu.

Ainda dedicando toda a atenção a Sávio, ele saboreia o seu café e posso ouvi-lo gemer em contentamento com o primeiro gole. Deslocada, cruço e descruço as pernas estalando os dedos das mãos entrelaçados sobre os joelhos.

Todos parecem imersos no assunto que não domino. Todos encantados pela fala dominante do homem ao meu lado.

— Está tudo bem Agatha? — Ilma pergunta olhando-me preocupada.

Apoio as duas mãos sobre a borda da mesa e molho os lábios para dizer que preciso me retirar, quando uma mão enorme, quente e pesada envolve minha coxa como um sinal de alerta.

Olho espantada para baixo, e então para o rosto do Barão, mas ele permanece inalterado bebendo o seu café.

— Eu... Eu vou... — os dedos pressionam um pouco mais — Quero dizer... Estou um pouco deslocada no assunto. Talvez seja melhor eu subir.

— Imagina. Ficar sozinha no quarto não faz bem para a mente. — responde ela.

— Acho que vou dormir um pouco. — digo.

— Sobre o que exatamente se sente deslocada, Agatha?

Olho para todos e só então encaro Inácio, que fez a pergunta do alto da sua superioridade. Ainda com a mão em minha perna, ele espera pela resposta como se tudo estivesse dentro da normalidade.

Eu poderia retirar a sua mão. Poderia levantar e sair. Poderia...

— Não entendo nada de cana, negócios ou remédios.

— E do que você entende? — seus olhos estão em mim. Sinto como se não houvesse mais ninguém por perto.

Penso um pouco e respondo sem gaguejar:

— De qualquer assunto que não exija um diploma ou anos de experiência.

— Podemos começar com um assunto interessante e novo.

— E o que seria?

— Você.

Sem resposta, engulo o ar. Remexo na cadeira e finalmente, retiro sua mão de onde pousava.

— Também estou interessado, Agatha. — diz Sávio. Sua mãe concorda.

Com todos interessados em saber sobre mim, fico sem jeito e ainda mais desconfortável. Sou o centro das atenções.

— Assim vocês vão espantar a minha hóspede. Agatha, mate a curiosidade de todos e só assim estará livre. Meu irmão pode ser muito insistente quando está interessado em algo.

Inácio franze o cenho ao escutar a afirmação de Ilma, mas logo disfarça e volta sua atenção a mim.

— Eu venho do Rio de Janeiro. De um lugar chamado Favela do Lixão, onde provavelmente vocês jamais estiveram. Sou filha de mãe solteira, mas há seis meses ela me deixou. Acho que preciso de um novo começo, um lugar mais tranquilo que me acolha. Espero ter encontrado.

A mãe de Ilma estende a mão sobre a mesa e oferece o seu apoio. A morte de minha mãe não me afeta mais. Não como deve acontecer com a maioria das pessoas, mas ela não sabe disso e tenta ser o mais carinhosa possível. Sávio diz que será um prazer me receber e se oferece para ajudar no que for preciso.

— Eu estou bem com tudo. — asseguro — Só preciso de uma oportunidade, e isso já ganhei.

— Tem todos os seus documentos? — Inácio pergunta sério.

— Claro que tenho.

— Posso vê-los?

— Estou sob investigação? Que crime cometi? — minha resposta sai imediatamente.

— Menina! — a mãe de Ilma leva a mão a boca.

O choque é geral. Minha resposta malcriada foi recebida como um pecado capital e pude sentir o julgamento sem que ninguém precisasse abrir a boca. O único impassível é Inácio. Do alto de sua superioridade, ele me observa. Mesmo sentado, consegue olhar o mundo de cima, condenar sem piscar os olhos e comandar com voz baixa.

Nunca, em todos os meus poucos anos, vi alguém que emanasse tal energia dominadora. É algo que me incomoda e me chama.

— Eu iria te oferecer um emprego, mas vejo que não seria capaz.

— Tenho um trabalho. — cuspo.

— Melhore os seus modos, Agatha, ou não o terá por muito tempo. — Ilma intervém, caminha até mim e retira o meu prato da mesa em um sinal claro de desaprovação.

Entendendo o seu recado, retiro-me sem dizer nada mais.

Vou para o meu quarto com o coração na boca, quase em colapso. Não sei o que deu em mim, pareço outra pessoa. Quando deixei de ser uma pessoa normal e comecei a atacar um desconhecido?

Um desconhecido que estava com a mão em minha coxa.

Sobre um jeans, mas ainda assim tocava o meu corpo sem permissão.

— O que estou pensando? Ele fez o que pedi... e gostei. — digo baixinho sentada na borda do colchão.

Conto as notas que tinha e o que ganhei na fazenda. Junto tudo com atenção e escondo em um fundo falso dentro da mochila. Se for preciso, tenho como partir e encontrar outro lugar.

Talvez seja assim daqui para frente. De rodoviária em rodoviária, conhecendo o país inteiro em troca de uma cama e comida. Pode ser que eu goste da ideia. Não tenho o que me impeça.

Alguém bate à porta.

Guardo minhas roupas apressada, arremesso a bolsa sobre a cama e corro para destrancar a fechadura. Se Ilma pedir que eu vá, não precisarei de um minuto, partirei sem olhar para trás.

— Ilma... — a frase morre antes mesmo de começar. Congelo hipnotizada pelos olhos dourados. — Você.

— Eu posso entrar? — dou um passo para trás dando passagem, mas ele não entra — Eu posso entrar?

— Você é algum tipo de vampiro que precisa ser convidado? — brinco nervosa.

— Não. E você também não é uma criança, é? Sabe o que me trouxe.

— Entre.

Nos livros que deixei para trás, mas guardo na memória, homens como ele aqueceram o meu corpo, me fizeram sonhar acordada e ter calafrios incontroláveis. Jamais imaginei sentir tamanha atração por alguém, quando li pensei ser diferente. Sinto-me como um esquilo curioso que precisa descobrir se dentro da noz há uma surpresa boa. Um inseto encantado pela luz branca.

Sei o que vem acompanhado desse olhar desejoso. Já recebi muitos assim. Alguns retribuí, de outros fugi... mas nunca, nunca cheguei longe demais que não pudesse voltar.

Sinto-me sem volta e nem sei como cheguei aqui.

— Está de partida? — ele pergunta.

— Não sei.

— Tem uma mochila pronta em cima da sua cama. Não sabe se partirá?

— Pelo visto faltei com respeito ao todo poderoso. Já não sei se sou bem-vinda aqui.

Ele estende a mão e diz:

— Sou Inácio Rezende. É um prazer conhecer você, Agatha. Por essa eu não esperava.

Aceito sua mão. A sensação do toque quente e firme transmite mais do que boa educação. Seus dedos alisam a minha pele, acariciam. E então, lentamente leva-a a boca e beija.

— Você me permite um pouco mais? — pergunta ele com a minha mão próximo a sua boca. Os olhos marcantes mantêm os meus cativos, de forma que sou incapaz de desviar.

Deus! O que está acontecendo?

Não tenho palavras. A resposta fica atravessada em minha garganta, mal posso respirar. Meus lábios secos pedem lubrificação e “inocentemente” escorrego a língua de canto a canto por fora da boca, ganhando com isso toda a atenção de Inácio.

Vejo a cena em câmera lenta. O movimento milimétrico de cabeça, seus olhos seguindo o caminho molhado deixado por minha língua, o franzir do seu cenho.

É sexy. Uma cena de *hot romance*.

Logo sinto o choque bruto contra a porta e meus braços buscam apoio no alto de seu pescoço. Inácio saqueia minha boca levando tudo que pode, sem esperar respostas ou permissões, ele apenas toma. Beija, suga, come. Enfia sua língua macia e deixa o sabor de café quente. É longo, muito mais longo do que o tempo, mais pesado que qualquer tonelada.

Meu papel é aceitar, receber e permitir. Estou esmagada dentro das minhas próprias emoções e só desejo que venha mais, muito mais. Ele geme tão gostoso que sinto a necessidade de fazer o mesmo e declarar a minha satisfação.

Seguro um fecho de cabelo em sua nuca e puxo. Quando não posso mais, enrolo minhas pernas em sua cintura criando em

encaixe perfeito onde consigo sentir com clareza o quanto me deseja. Ele me quer. Esfrega o corpo ao meu, roça contra mim sem esquecer do beijo pervertido e dominador, enviando tantas informações que minha mente se funde em massa vazia.

De repente, acaba.

— Você ainda está de partida?

— Se a Ilma pedir...

— Ela não vai pedir.

Afasto-me ganhando espaço para pensar, mesmo que seja a três passos.

Eu já beijei desconhecidos, saí com amigas e beijei várias bocas na mesma noite. Quem nunca fez isso? Quando era mais jovem fiquei com meninos no colégio, no bairro e em festinhas. Mas isso...

— Acho melhor você descer. Eles podem desconfiar.

— Desconfiar?

— Do que acabamos de fazer. — ofego — Se Ilma pareceu tão horrorizada com uma resposta atravessada, imagina se ela...

— Acha mesmo que fui tão discreto com as minhas intenções? — olho sem entender — Eles me conhecem desde criança, brincávamos juntos. Eu e Sávio somos amigos e aposto que ele teve certeza dos motivos que me trouxeram aqui quando sentei ao seu lado.

— Acha isso?

Inácio sorri mostrando pouco dos dentes. Enfia as mãos nos bolsos.

— Eles não desconfiam. Têm certeza.

Claro que sim!

Agora a família de Ilma está lá em baixo especulando até que ponto chegamos aqui em cima. Na cabeça de Sávio devo estar de joelhos satisfazendo o Barão da cana. Chupando a cana dele...

— Do que está rindo?

— Eu não estava rindo. — digo em minha defesa.

— Do que estava rindo? — insiste. Dessa vez fica bem a minha frente.

É tudo tão novo que pego-me admirando o rosto de Inácio, conhecendo seus traços e a forma bruta que se expressa.

Com os olhos baixos, sacudo a cabeça procurando uma forma menos ridícula de dizer o que pensei. Sem saída, cuspo de uma vez só, mal dando espaço entre as palavras.

— Sávio deve estar imaginando que estou fazendo coisas para você.

— E que “coisas” faria?

— Não se faça de inocente, Inácio.

— Bem, eu sei o que eu gostaria que fizesse. Não espere que as mais variadas pornografias não tenham passado pela minha mente. — olho escandalizada para ele — Qualquer homem que dissesse ao contrário estaria mentindo. Fuja dos mentirosos. Mas, perguntei o que você faria.

— Não faria nada.

— Então devo considerar o beijo como nada?

Filho da mãe!

— Não o beijei. Fui beijada.

— Deixe-me tirar a prova.

Sem a pressa de antes, Inácio segura meu queixo e tombo a cabeça para trás dando a ele um espaço interessante para trabalhar. Seus lábios grossos beijam do meu pescoço ao colo, sobem novamente devagar, brincam com minhas orelhas enquanto diz:

— Não vou beija-la.

Sou levada até a cama quase sem perceber porque estou atenta ao que ele me faz sentir e a sua língua. Não caímos, ele

deposita o meu corpo com cuidado e monta sobre mim com os joelhos flexionados um de cada lado, segura meus pulsos a cima da cabeça deixando-me imóvel e recomeça. O toque é delicado, completamente diferente de antes, dura pouco e recomeça em meus lábios. Mordidas, lambidas e chupões deliciosos.

Estou imersa em um lapso temporal onde vou e volto ao mesmo ponto: prazer. É gostoso, apaixonante e além, muito além de qualquer outra experiência que já tenha vivido com os caras da minha idade.

O calor cresce alimentado pela vontade de seguir a diante.

— Beije-me.

— Por que eu faria isso? A distância é a mesma. Vem! —
provoca-me.

E eu vou.

Enfio os dedos entre os cabelos da sua nuca, puxo-o para mais perto e imito o seu gesto lambendo de uma extremidade a outra. Então abocanho seus lábios manhosa, chamando sem palavras pelo homem que sei ter sobre mim.

Inácio muda da água para o whisky. Forte e pesado.

Como se não pudesse mais suportar, segura o meu rosto com firmeza enquanto muda de posição e se enfia entre as minhas pernas. Nossos jeans nunca foram tão odiados como agora.

Agarro-o como posso, o máximo que consigo com braços e pernas. Nossas línguas dançam sem errar, estamos juntos em uma mesma melodia enquanto o tempo passa sem importar. É mais do que jamais pude imaginar. Melhor do que em qualquer história contada. Inácio é como a última peça do quebra-cabeça que se encaixa perfeitamente em mim.

As esquentam ainda mais. Nosso beijo deixa de ser apenas um beijo intenso e suas mãos passeiam pelo meu corpo, exploram por baixo da camisa tocando com o polegar o mamilo entumecido sob o sutiã.

— Inácio... — ele não ouve. Sua boca morde meu seio por cima da camisa enquanto tenta abrir os botões da minha calça. — Inácio, pare!

— Rápido demais?

— É.

Estamos ofegantes.

— Está desconfortável aqui? Podemos ir para a fazenda. — sua voz transmite desespero. — Estacionei aqui na porta.

Nego com a cabeça.

Agora vem a parte chata.

— Não. Não vai acontecer, Inácio.

— Acho que já está acontecendo. Se o problema são as pessoas lá em baixo...

Corto-o e jogo a bomba de uma vez.

— Sou virgem.

A expressão em seu rosto muda imediatamente, passando de desejo para incredulidade. A mão que tentava abrir os botões, para e a outra afrouxa o aperto em meu seio.

Tenho vontade de rir, mas contendo-me. Ele realmente parece surpreso. Todos ficam.

— É um problema para você? — ele pergunta.

— Não.

— Para mim também não.

— Estou dizendo que não iremos transar. — advirto-o.

— Você está me dizendo que ainda não transou com ninguém, não que não vamos. Pareço um lobo mau que roubará a sua inocência a força?

Dou de ombros.

— Parece um lobo mau.

— Um lobo bonzinho. — morde o meu queixo — Só fico mau quando outro lobo se aproxima. Com uma lobinha sei lidar.

Rimos juntos com as metáforas fofinhas.

Alguns beijos depois, ele decide que é a hora de ir, mas promete voltar a noite. Quando fico sozinha, paro diante do espelho e não reconheço a mulher no reflexo. Estou ofegante, com os lábios inchados e as roupas fora do lugar. Inácio trouxe à superfície um fogo vivo que eu ignorava. Sinto como se identificasse seu toque de outras vidas, reconheço o calor da sua boca e a intensidade do seu beijo.

Adio ao máximo, mas preciso descer e encarar Ilma. Tenho certeza que terei muito o que ouvir e possivelmente um tanto de coisas para explicar, mas nem sei por onde começar. Sinto-me diferente de quando cheguei. Há um frio no estomago, borbulhas no peito, um sorriso idiota que não sou capaz de conter.

Como isso aconteceu?

Desço as escadas tentando escutar vozes vindo da cozinha, mas tudo parece calmo por aqui.

— Eles se foram. — diz Ilma assustando-me.

Ela está parada arrumando alguns papéis sobre o aparador e olha-me cheia de curiosidade.

— Tem alguma coisa que queira me contar, Agatha?

Oh merda!

Eu sabia que ela perguntaria, tinha certeza.

— Você já se ligou a alguém sem nem mesmo querer isso? — ela não responde — Não aconteceu nada. Nos vimos na festa, ele parecia tão superior, esnobe, do tipo que não me agrada. Eu o detestei à primeira vista, queria ficar o mais longe possível. Depois disso, o vi aqui assim como você.

Olho para os lados completamente sem jeito.

— Não quero me meter na sua vida, Agatha. Você é adulta e se chegou aqui sozinha, sabe se virar. Quer um conselho?

— Claro.

— Inácio é um homem feito, divorciado, o Barão da cana como você já sabe. Em uma cidade pequena, tudo que ele poderia querer é uma carne fresca para matar o tempo. Não se deixe enganar. Se quer diversão, caia de cabeça. Se quer um príncipe, procure um pouco mais.

O que ela diz é tão óbvio, uma verdade tão explícita. Sei que é o melhor, mas me machuca de todas as formas.

Tento parecer despreocupada, segura e inabalável, mas no fundo estou desolada.

— Não es quente, Ilma. De onde venho há muitos como ele. — de onde tirei isso? — Estou vacinada.

Claro! Falou a experiente.

3

Como prometido, anoite Inácio retorna a pensão e convida-me para um sorvete.

Está quente e pareceu uma ideia agradável. No fundo foi surpreendente ser convidada para algo tão casual e público. Depois de conversar com Ilma criei mil teorias. Todas negativas.

Estamos em uma mesa na calçada de frente para a praça da igreja. Do outro lado da rua, crianças brincam enquanto suas mães conversam em banquinhos de madeira. Casais passeiam de mãos dadas, as folhas balançam com a brisa e a lua está cheia. A luz que vem do céu parece de um refletor rodeado por estrelas.

— Você é como uma celebridade. — comento, depois que mais uma pessoa vem cumprimentá-lo.

— É. Com o tempo a gente se acostuma. Sempre foi assim.

Eu deveria morder a língua antes de fazer tantas perguntas, mas estou curiosa.

— Ilma disse que sua família comanda tudo aqui há muitos anos. É isso que você faz, manda em todos por aqui?

Ele pensa, estuda o meu rosto e então, responde:

— Eu administro o legado da minha família, fruto do trabalho de mais de cem anos. Os negócios abrangem a cana de açúcar e seus derivados. Sou um empresário, não sou prefeito da cidade e muito menos mando nos moradores de Santa Cana.

— Entendi. — mentira.

— O que está por trás do “entendi”? — deixo seu rosto e olho para longe — Agatha?

— Nada. É que você parece muito, muito superior aos outros. Não estou te julgando, mas, em todos os aspectos, você parece olhar de cima.

— Quando te fiz pensar assim?

— Quando nos conhecemos.

Ele franze a testa e questiona com firmeza.

— Encontrei uma completa estranha saindo do meu escritório, assustada, como se tivesse feito algo de errado? Ali posso ter te olhado de cima, mas só ali.

— Não só ali. — corrijo-o.

— Talvez você esteja acostumada a ser olhada de cima. Não me julgue pelas suas experiências anteriores.

— Ok.

Talvez eu esteja aborrecida. Talvez não seja uma boa companhia hoje.

Ele segura a minha mão sobre a mesa. Um jeito carinhoso. Sei que me observa e espera que eu dê atenção. Tento ignorá-lo, procuro algo interessante na vida alheia, em uma ou outra pessoa que curte o início da noite.

— Agatha, olhe para mim.

— Oi.

— Está com calor? — pergunta esboçando um meio sorriso.

— Estou.

Inácio fica de pé e deixa algumas notas sobre a mesa. Saímos caminhando de mãos dadas até o seu carro. Sem disfarçar, mulheres e homens olham curiosos, comentam e chegam a apontar em nossa direção.

Finjo não me incomodar, mas quando entramos na privacidade do carro, solto.

— Todos estavam olhando para você.

— Olhavam para você. Estão curiosos para saber quem é a mulher que me tirou da toca.

— Você não costuma tomar sorvete?

— Não tanto quanto deveria. As vezes desfruto de uma taça lendo gráficos ou relatórios. É inviável sair da fazenda para isso, meu mundo gira em torno dela.

Vejo que entramos em uma estrada de terra. Inácio tem uma caminhonete dessas enormes que parecem pequenos caminhões, mas internamente lembram mais um foguete. Há buracos, subidas e descidas muito sinuosas e mesmo assim estamos confortáveis.

— Estamos indo para a fazenda? — pergunto apreensiva.

— Isso incomoda você?

Meu coração está acelerado e minha boca seca. Tenho mais medo de ceder do que de ser forçada. No fundo, não vejo ameaça em sua companhia, mas sim na influência que tem sobre os meus desejos.

Sua mão direita deixa o volante e pousa sobre o meu joelho, acaricia um curto espaço até o meio da coxa sem passar disso. Cada vez que ela sobe, prendo um pouco a respiração até que volte a descer.

— Inácio, achei que havia deixado claro.

— E deixou.

— Estamos indo para a sua casa tarde da noite. Achei que ficaríamos na cidade.

Enquanto falo, puxo o vestido mais para baixo. A falta de pano começa a me incomodar.

— Quando quiser voltar, me diga que a levarei de volta à pensão. Não iremos a minha casa, mas sim a cachoeira que fica nas terras da fazenda. Quando criança, eu fugia para lá e só voltava quando escutava os cachorros do meu pai procurando por mim. É um lugar lindo.

Suas palavras são genuínas e alegram o meu coração. Com a escuridão mal vejo os seus olhos, mas o sorriso brilha orgulhoso.

Depois de um longo tempo, passamos pela porteira da fazenda. Há dois caminhos, um iluminado e outro que quase não

enxergo. Inácio pega o segundo, aciona o farol alto e segue lentamente. A estrada tem muitas subidas íngremes e curvas fechadas, em determinados pontos as árvores são tão altas que não vejo o céu.

Sentada com as pernas cruzadas, pareço tranquila, mas por dentro estou angustiada com o coração aos pulos. Minhas mãos suam frio. Grande parte de mim está feliz e animada com o passeio, emocionada com a história, mas a Agatha pé no chão, aquela que sabe diferenciar o certo do errado, quase não respira.

— Estamos chegando. — Olho para ele concordando apenas com a cabeça.

Depois de todo o sobre e desce, finalmente, chegamos. Ainda não vejo nada, apenas a sombra das árvores e o céu acima das nossas cabeças.

Quando penso em abrir a porta, Inácio contorna o carro e o faz. Fico de pé sobre o estribo lateral. Só assim para igualar nossas alturas. Surpreendo-me e grito no momento em que ele me agarra pela cintura girando nossos corpos duas vezes no ar. Atendendo ao desejo, uno nossos lábios dando a ele um beijo quente.

Leva um tempo impossível de determinar, mas nos afastamos a procura de ar.

Acompanho os passos de Inácio em uma trilha. Seguro firme em sua mão com medo de encontrar qualquer bicho. A noite todos os barulhos são assustadores, qualquer movimento parece ataque. Por sorte estou com uma sapatilha.

Mais alguns passos e a luz da lua nos presenteia com a paisagem mais surpreendente que já tive: em uma clareira na mata fechada aparecem grandes pedras e entre eles um lago que reflete o brilho prateado do céu. Inácio aponta para o lado e percebo a cachoeira à certa distância.

— Que lugar lindo!

— Sim. Foi reflorestado pelo meu avô. Por pouco não perdemos esta preciosidade.

Sou puxada e andamos um pouco mais. Inácio senta em uma das pedras bem próxima à água e acomodo-me ao seu lado, mas sem cerimônia ele içá o meu corpo até que eu esteja em seu colo.

— Ah!

— Aqui está a lobinha donzela.

Sob o luar, nos beijamos.

Minha mão é pequena para seu peito, sou como um brinquedo em seus braços enormes. Ouvindo o canto das águas continuamos o beijo sem contar o tempo, nos tocamos, nos saboreamos, curtindo o momento delicioso.

É tão difícil ter controle, meu corpo age por si só. Preciso estar mais perto, sentir cada toque, saborear o gosto doce dos seus beijos e o aperto dos seus dedos. Tremo por dentro e por fora, excitada a ponto de sentir o pulsar entre minhas pernas.

— Abra os olhos, Agatha. — Inácio ordena segurando meu rosto. — Quando estiver pronta, dirá?

Confirmo com a cabeça porque sei a que se refere. Ele fica feliz com a minha resposta rápida e voltamos a nos beijar. Dessa vez estamos mais quentes, mais afoitos e a beira do descontrole.

Seguro-me em Inácio, agarro seus braços com as unhas afundando em sua pele e ele gosta. Ofega. Em uma manobra simples, estou montada sobre ele, minhas pernas cruzadas a sua volta e os seios esmagados entre nós dois. Meus mamilos sensíveis ganham destaque por baixo do vestido de viscose, as alcinhas escorregam pelos ombros e não arrumo. Estou aproveitando o momento.

Em minhas costas as mãos de Inácio sobem e descem, parece esperar a minha desaprovação.

Deus! Por dentro estou aos gritos para que ele siga em frente. Não quero dizer, preciso que ele entenda.

— Oh... Inácio. — escapa um sussurro desesperado dos meus lábios.

Como um tigre atizado, ele avança, ataca. O pouco que cobria meus mamilos é arrancado, mas o ar frio dura pouco, rapidamente o calor da boca ardilosa e úmida de Inácio ocupa o lugar. Ele abocanha o mamilo endurecido e suga cheio de vontade. Com os olhos fechados, aproveita e devora o que lhe ofereço.

As sensações são inexplicáveis, impossíveis de simplificar em poucas palavras.

Minha cabeça pesa e cai para trás. Empurro meus seios ainda mais contra sua boca, entrego os dois de bandeja para serem chupados e mordidos.

Oh que maravilha!

Quero mais. Quero-o dentro de mim, poder experimentar o prazer maior.

Instintivamente faço movimentos de sobe e desce montada em seu colo, esfrego-me contra o jeans áspero encontrando sua ereção maciça e ele geme, aperta-me contra si desfrutando tanto quanto eu.

— Agatha, você não vai ficar virgem por muito tempo se continuar.

Escuto o que diz, entendo e recado, mas não paro. Está tão gostoso, minhas pernas tremem, meu ventre se contrai cada vez mais e quero outra vez. Quero o ápice.

Estou tão entregue que abro espaço para ele me tocar. Seu dedo passa pelo elástico da minha calcinha, encontra toda a umidade e leva-a até o ponto mais sensível. Meu clitóris pulsa.

Oh! Que delícia!

Inácio acaricia-o, desenha círculos delicados e quando já estou gemendo e pedindo por mais, intensifica o carinho. Sua mão está inteira dentro da minha lingerie, os movimentos não param. Eu o mataria se parasse. Estou tão perto.

Estou chegando...

Sim, por favor...

— ãh!!! Uhm, caramba.

O mundo explodiu dentro do corpo. Um bomba superpotente, sentimentos e sensações entraram em colapso dentro de mim. Estou flutuando, perdida e exausta.

Deito a cabeça na curva do ombro de Inácio, meu corpo repousa buscando equilíbrio. É divino.

— Eu gostaria de estar em uma cama agora, mas o visual irá compensar.

Sorrio abobada, provavelmente sob o efeito do prazer.

Sinto Inácio se movimentar, mexer entre nós enquanto beija meu pescoço e depois segura os cabelos da minha nuca para começar um beijo. Mais um beijo maravilhoso. Ele consegue ser maravilhoso até mesmo quando acho que nada pode superar o que senti.

— Levanta um pouco o quadril. — obedeço automaticamente.
— Assim mesmo.

Quando o beijo recomeça, seu pênis encosta em minha entrada e para ali. Congelo. Travo com medo do que está por vir.

— Não! — digo alto demais.

— Não?

Ofego audivelmente e Inácio olha-me preocupado. Ficamos imóveis, ele esperando pelas minhas palavras e eu sem conseguir dizer nada.

Encosto a testa junto a sua e engulo o pouco de saliva que encontro.

Procuró dentro de mim os motivos que me fizeram gritar ante a possibilidade de ser preenchida por ele. Eu o quero, desejo-o muito e estou excitada o bastante para seguir em frente. Mas, neste momento, as palavras de Ilma ecoam em minha mente.

Não tenho certeza.

— Vai ficar bravo se eu não quiser? — pergunto com medo.

Mal o conheço, ninguém sabe que estamos aqui. Ele pode fazer o que quiser comigo e não terei qualquer pessoa procurando por mim.

Como sou burra.

— Vou te levar para a pensão.

Fico de pé, arrumo o vestido desajeitadamente enquanto ele reacomoda o pênis ereto sem vergonha alguma. O volume fica evidente e o desconforto também. Não falamos mais sobre o que acabou de acontecer.

— Está pronta?

Aceno com a cabeça, ele pega a minha mão e voltamos para o carro.

O caminho de volta é feito em silêncio. Por diversas vezes Inácio cheira os dedos, isso parece deixá-lo ainda mais tenso. Diferente da ida, desta vez ele não me toca, mantém as mãos sobre o volante e os olhos atentos ao caminho.

Quando finalmente chegamos à pensão meu pescoço já estava dolorido de tanto que olhei para a direita, evitando contato com Inácio. Perceber que Ilma estava certa foi pior do que ouvir suas palavras. Eu não dei a ele o que tanto queria, então estou aqui como um presente inútil sendo devolvido.

Estou magoada, triste e envergonhada. Tudo o que consigo pensar é em ir embora. Fugir mais uma vez.

— Obrigada. — digo rapidamente antes mesmo do carro parar por completo.

Agarro a maçaneta com força para sair, mas ela está trancada. Nervosa, tento repetidas vezes sem sucesso.

— Agatha?

— Destrave a porta, por favor. — peço sem olhar para ele.

— Agatha, pare com isso. Olhe para mim.

— Inácio, está tudo bem. Só quero ir embora. Por favor, abre. Eu quero sair daqui.

Calo-me quando ele agarra meu braço obrigando-me a olhar em seu rosto. A princípio fecho os olhos, mas a atitude parece tão infantil que os abro, ainda mais constrangida.

— Eu não estou bravo.

— Tudo bem. Agora quero sair. — tento outra vez, mas minha voz fica presa na garganta.

Inácio respira profundamente, segura minhas mãos unidas e começa a falar:

— Agatha, eu realmente não estou bravo com você. Estou frustrado, mas não bravo. A noite foi incrível. Aproveitei. Aproveitamos juntos. — me beija — Não vou mentir e dizer que fiquei feliz quando me pediu que parasse, porque eu queria morrer naquele momento, no entanto, jamais a obrigaria a fazer sexo comigo. Por mais louco de tesão que eu esteja, sei o significado de um “não”.

— Você não olhou mais para mim. — lamento.

Preciso que ele entenda o impacto que a sua postura teve sobre mim.

— Mas vim sentindo o seu cheiro. Desejando o que não tive.

— Desculpe-me.

— Pelo amor de Deus! — esbraveja — Não quero as suas desculpas. Só estou sexualmente frustrado, excitado e consciente de que terei que terminar sozinho o que começamos juntos. Te ver gozar acabou com as minhas reservas, me deixou mil vezes mais duro. Caralho! Virgens são personagens importantes do imaginário masculino.

— E você quer ser o primeiro.

Claro que quer. Sou uma vagina intacta e não uma mulher. Esse pensamento é tão cruel.

— Quero. Mentiria se dissesse que não.

— Estou acostumada com isso.

— Tenho certeza que sim. É um milagre que venha de uma cidade tão grande, livre e tenha chegado intocada aos vinte. Devia ser a última da sua turma de amigas, a diferente.

Sim, eu era.

— Tenho que ir. — corto o assunto.

Ele sai do carro, dá a volta com o seu caminhar elegante e abre a porta para que eu desça.

— Amanhã as coisas voltam ao normal na fazenda, mas estarei livre depois das 18h. Posso passar aqui?

Eu não deveria, mas...

— Pode.

Inácio planta um beijo sutil em minha boca, e diz antes de partir:

— Esteja pronta. Vou levá-la a um restaurante que gosto na cidade vizinha.

4

A manhã do dia 26 foi movimentada.

Ao conversar com Ilma, descobri que muitas pessoas vêm e vão da cidade por conta da usina de açúcar e etanol. São trabalhadores temporários, fiscais, investidores, visitantes e principalmente candidatos a vagas de emprego. Vários deles se hospedam aqui, tantos que chegam a dividir quartos. Com a volta do feriado de natal, mal tive tempo de sentar na hora do almoço ou tomar um café.

Ilma pode lidar com a cozinha como ninguém, qualquer pessoa em seu lugar estaria louca com tantos pratos e pedidos. Fiquei responsável pela troca das roupas de cama e lavanderia, onde demorei alguns longos minutos para me entender com as máquinas, mas por fim, consegui. Acho que me saí bem.

Os hóspedes são quase todos homens jovens que vêm de outras cidades atrás de serviço. E para quem pensa que eles ficam com uma foice na mão, não se engane. Pelo pouco que escutei, a coisa vai muito além de plantar e colher.

Depois de ser liberada por Ilma, corro até uma lojinha no centro comercial e uso o dinheiro que ganhei, na noite de natal, para comprar uma roupa. Nada sofisticado. O tomara-que-caia branco e um par de sandálias nude levaram quase tudo o que eu tinha, mas valeu a pena. Estou tão satisfeita que desci as escadas saltitando com um sorriso no rosto.

No fundo... bem no fundo, contei os minutos para que o dia passasse rápido.

Digo a Ilma que estou de saída e vejo que fica feliz por mim, mas não esconde a preocupação.

O relógio marca 17h55min, então decido esperar no portão.

— Toda produzida, Agatha. Linda! Aceita companhia? — diz Durval, um hóspede que conheci mais cedo.

Sorrio sem jeito com o elogio. Ele é uma daquelas pessoas que te conta a vida inteira em cinco minutos e faz questão de dizer em que é formado ou quão bem ganha.

— Estou esperando uma pessoa.

— Um namorado? — pergunta com as sobrancelhas arqueadas por cima dos óculos.

— Ah... uma pessoa. — repito tentando deixar claro meu incômodo. — Ele deve estar chegando.

— Sabe, Agatha... Eu tenho passado os dias estressado. Ser o engenheiro responsável por uma obra tão grande quanto a que estou trabalhando agora, é desgastante. Sinto-me sozinho. Nem mesmo tenho com quem gastar o que ganho. — cruzo os braços esperando o que vem pela frente — Se você estiver afim de um cinema, me avise.

— Não estou afim. Obrigada.

Neste momento um carro para atrás de mim, mas estou distraída e não olho.

— Tudo bem. Quem sabe outro dia. — olhou-me com malícia — Se o seu encontro não estiver a altura, me dê uma chance. Irei surpreendê-la.

Antes que eu pudesse abrir a boca, senti os braços de Inácio rodeando o meu tronco. Senti-me mínima na clausura de seu enorme corpo.

— Você não terá a chance.

Fico em silêncio observando o rosto espantado de Durval. Eu poderia jurar que ele se borraria todo em breve.

— Olha, você é o... Quem é você mesmo?

— Pode pensar apenas que sou o cara que tem aquilo que você não é capaz.

Tomando minha mão, Inácio nos guia até o carro, abre a porta para que eu entre e a fecha em seguida. Olho atentamente pelo vidro e vejo quando ele diz algo a Durval antes de contornar o carro e se juntar a mim.

— O que disse a ele?

— Nada demais.

Não me convenceu.

Meu coração vibrou dentro do peito quando ele acariciou minha coxa antes mesmo de virar a chave. Só depois de um momento carinhoso, saímos. Mesmo dirigindo, sua mão não deixou de me tocar. Tronco ereto e olhos atentos ao caminho, mas a mão direita sempre espalmada sobre a minha pele, os dedos firmes apertando e deslizando.

Hesitei. Então descruzei as pernas dando a ele uma fina abertura.

Confesso que a escolha do vestido tenha um tantinho de malícia. Inevitavelmente pensei que as coisas poderiam esquentar e quem sabe? De repente... Poderíamos repetir a brincadeira de ontem.

— Agatha. — adverte com voz profunda.

— O que?

— Sei o que está fazendo. — escorrega os dedos para cima, mas não chega onde desejo — É uma brincadeira perigosa.

Cruzo as pernas novamente prendendo sua mão entre elas.

— Não seja por isso. A brincadeira acaba aqui. — afronto sorrindo maliciosa.

Inácio sorri olhando de mim para a estrada. No pouco tempo que passamos juntos, nunca o vi sorrir assim, de fato parece muito sério e reservado. Cada segundo ao seu lado fico mais e mais curiosa, preciso de um grande esforço para não desatar a fazer perguntas.

Quando pegamos a rodovia sou apresentada a potência do motor de sua caminhonete, com a pista vazia ele atinge o limite máximo de velocidade. Correr não me agrada, seguro tão forte o apoio de braço que ele estala.

— Não se preocupe, conheço bem a região. Eu jamais a colocaria em risco.

— Pode ir mais devagar?

Meu pedido é atendido.

A cidade vizinha parece um presépio em tamanho real. Lojinhas, casas e ruas completamente decoradas com os temas do final de ano. Inácio explica que o lugar é voltado para o turismo e recebe muitos aventureiros devido as diversas cachoeiras.

O restaurante é uma casa no estilo colonial rodeado por uma varanda. Não há lâmpadas nas mesas externas, todas têm um pequeno fogareiro no centro que faz uma luz difusa e aconchegante.

A mesa reservada fica um pouco afastada das demais. O garçom entrega-nos o cardápio, acende o fogareiro e sai discretamente. As opções são todas de carnes, alguns acompanhamentos, mas o principal são as carnes.

— Espero que não seja vegetariana, ou teremos que escolher outro lugar. — pergunta parecendo realmente preocupado com isso.

— Está aí algo que eu gostaria de ser, mas ainda não sou. Como carne, e gosto bastante.

Ele respira aliviado e indica uma das opções do cardápio.

— Sempre que venho peço este baby bife, pão de alho, linguiça artesanal e as guarnições. Eles têm os melhores cortes.

Parece um mundo de comida, mas não acredito que ele com todo este tamanho tenha dificuldade em devorar tudo.

— Tudo bem.

Para a minha surpresa, o pedido chega quase que imediatamente. Só que não como eu esperava.

Tudo está cru. O garçom reaparece com uma pedra, os cortes de carne crua e talheres de churrasco. Olho para ele sem entender, espero que saia e falo baixinho:

— Vamos comer assim?

Inácio desabotoa a manga da camisa, pega um punhado de sal e começa a temperar os bifes. Alisa as carnes, esfrega o sal grosso olhando em meus olhos com um meio sorriso.

— Aqui nós preparamos o jantar. Pode pegar a pimenta? — aponta para o moedor — Churrasco na pedra. Não demorará a ficar pronto. Enquanto isso conversamos.

— Alguém paga para preparar a própria comida? — estou incrédula.

Inácio coloca o primeiro bife sobre a pedra quente levantando um vapor.

— E não é barato.

— Fazer em casa daria no mesmo. — digo em voz baixa.

Depois de limpar as mãos, Inácio segura as minhas.

— O diferencial deste restaurante é justamente a liberdade que eles oferecem ao cliente. Por outro lado, temos o conforto e o ambiente ornamentado. É gostoso, você vai ver.

Concordo com ele.

Ajudo com a pimenta girando o moedor enquanto ele faz a sua parte. Eu não quero parecer deslumbrada, finjo costume quando na verdade olho cada coisa com interesse e curiosidade. Essa é a primeira vez que como em um lugar que não seja fast food ou self servisse. Restaurantes caros nunca estiveram na minha rotina, nem mesmo para momentos especiais. Venho de comunidade, filha de mãe displicente. Quero aproveitar cada segundo e guardá-lo na memória.

Apesar da imagem altiva, Inácio transmite simplicidade neste momento íntimo. Uma simplicidade sofisticada, mas ainda assim despretensiosa e natural.

Inácio limpa as mãos e deixa que o fogo faça o seu trabalho.

Rosto marcante, olhos intensos. É tão diferente de qualquer pessoa. Parece se destacar em qualquer multidão. Um homem maduro, decidido e... Talvez profundo demais para mergulhar de cabeça.

— Quero saber mais sobre você. — interrompe meus pensamentos — Seus gostos. O que pretende.

Suspirei. Está aí uma coisa que ainda não sei e, sinceramente, pouco me preocupa.

— Posso te falar sobre os meus gostos, mas não o que pretendo. Ainda não pretendo nada, estou aqui, mas posso acordar e resolver não estar mais.

Minha resposta o incomoda. Fica claro.

— A juventude não dura para sempre, Agatha.

— Nunca diga isso a um jovem. Ele jamais acreditaria.

— Verdade. Eu também não acreditei quando meu pai me disse. Pena que não tive o tempo que você tem. Na manhã seguinte ele não estava mais aqui.

Será que o pai dele morreu?

— Gosto de ler. Sabe como é, jovem e sonhadora. Não fiz faculdade, mas sempre sonhei fazer psicologia, trabalhar com famílias em risco. Amo pêssegos. Sou capaz de caminhar por quilômetros sem reclamar, mas nunca aprendi a andar de bicicleta. Deixe-me pensar... — olho para as telhas sobre as nossas cabeças — Gosto de programas de reforma, desses que passam na tv.

Nossos olhares colidem. Por um momento senti-me acariciada por ele, acolhida. O fogareiro iluminando o seu rosto de baixo para cima, a chama refletida na íris amarelada quase desaparecendo em torno da pupila dilatada.

— Gosto de bicicletas, faço trilha. Detesto pêssegos. Entre caminhar e dirigir, prefiro a minha caminhonete. Fiz faculdade de

agronomia, me especializei em negócios, faço NBA em comércio exterior. Não gosto de nada disso, mas preciso.

— O que faria se pudesse fazer qualquer coisa? — pergunto.

Ele responde imediatamente.

— Transformaria a plantação de cana em floresta ambiental e teria uma casinha de vidro a beira da cachoeira. Uma daquelas sem paredes. Uma cama, cozinha, banheiro.

— E por que não faz?

Um homem chamado de Barão da cana deveria poder fazer qualquer coisa. Dinheiro e poder não lhe faltam.

— Sabe quantas pessoas dependem das minhas decisões?

— Nem posso imaginar.

Realmente não consigo imaginar quantas pessoas trabalham para Inácio, direta ou indiretamente. Vi pouco da cidade, mas o que vi foi o suficiente para não duvidar.

— Há um campos da universidade federal na cidade vizinha. Muitos dos filhos dos meus funcionários estudam lá. Fornecemos transporte para eles como incentivo. Quem sabe você não se anima para tentar o próximo vestibular.

— Quem sabe?

Aproveitamos a noite regada a vinho tinto, carnes e boas risadas. Estranhamente Inácio pode ser muito bem-humorado quando quer. Ouvi histórias engraçadas da sua infância, onde fugir dos estudos era a sua meta principal, pouco acima de perder a virgindade. Engraçado como a vida muda. Se quando jovem ele era alto demais, magro demais, cabeludo demais, hoje ele é a personificação do ideal de homem.

Olha-lo bastaria. O desenho do seu rosto quadrado, os olhos brilhantes e a boca carnuda somados, formam mais do que beleza. Por fim, os cabelos negros e densos finalizam e emolduram a arte. Lindo. Beleza bruta.

Acho que homens deveriam ser obrigatoriamente grandes. Assim como Inácio. Alto, espaçoso. O tipo de cara que não desaparece das nossas vistas, que acomoda nossos corpos dentro de um abraço e oferece proteção.

Deixamos o restaurante algumas horas depois. Satisfeitos, sorridentes e levemente embriagados.

— Se importa de ficar um pouco mais aqui? — pergunta enquanto caminhamos pela calçada. Estamos abraçados.

— Não. O que quer fazer?

— Acho que preciso deixar o vinho sair um pouco, antes de pegar estrada.

— Parece sensato.

— Quer conhecer o lago?

— Acho que sim.

Andando, damos uma volta pela cidade. Nada mais do que algumas quadras até chegar em um lago. As ruas estão vazias. Já é tarde e poucos carros passam por nós.

Há um deck bonito que leva até quase o meio do lago, que não é grande. As estrelas brilham no céu e refletem na água assim como a lua. Descalços, sentamos sobre o deck e permanecemos em silêncio. Dois admiradores da beleza da noite.

Sou envolvida por seus braços e pernas. Ele descansa a cabeça em meu ombro e vez ou outra beija o meu rosto com carinho. Sinto-me cuidada. É como se nada pudesse se colocar entre nós.

— Posso fazer uma pergunta pessoal?

— Diga.

Inclino o rosto em sua direção.

— Há quanto tempo está divorciado?

Ele não esperava por isso, mas responde sem demonstrar abalo.

— Cinco anos.

Cinco anos? É tempo demais. Quando Ilma comentou, achei que fosse recente.

— Quantos anos tem?

— Trinta e sete. — encosta a boca em minha orelha — Velho demais?

— Não sei. Nunca estive com ninguém fora da minha faixa etária.

— E qual é?

— Vinte.

Ele não sabia o que dizer. Obviamente sou mais jovem do que imaginou. Em parte acho graça, porque a cara que faz é divertida, mas por outro lado, fico apreensiva. Pode ser que as coisas mudem de agora para frente.

Se bem que, se não correu com a virgindade...

— Não sei se fico chocado por ser tão jovem, ou por ainda ser virgem com vinte anos. Estou curioso. Por quê?

Devo dizer: porque minha mãe tinha homens demais e tive medo de ficar como ela. Porque metade das minhas amigas tiveram filhos antes dos dezesseis e a outra metade antes dos dezoito.

Não... Prefiro algo mais superficial.

— Sei lá, acho que apenas não aconteceu.

Feliz, Inácio aperta-me entre os braços.

— Parece irreal que nenhum namorado tenha chegado ao seu coração.

— Muitos chegaram. Muitos. Mas nenhum entre as minhas pernas.

Caímos na gargalhada, e ele faz piadas com os caras que ele imagina terem saído frustrados da minha vida.

Onde se esconde esse homem divertido durante o dia?
Poderiam ser separados e viver em corpos distintos. A pessoa que

encontrei naquela festa não é a mesma que está comigo agora. Mesmo que a voz permaneça pesada e firme, as palavras são leves e a gargalhada aquece o meu coração.

Paro de gargalhar, mas o sorriso permanece em meus lábios. Estar presa no aconchego dele me deixa feliz.

— Me beija. — pede ao pé do ouvido.

Faminta, obedeço. Abocanho seus lábios dando-lhe um beijo quente e molhado. Enfio a língua em sua boca e solto um gemido satisfeito quando ele a chupa. Mordo seu lábio inferior colocando um pouco mais de pressão e percebo, mais uma vez, que ele gosta de uma pegada bruta.

Estou descobrindo que também gosto.

Gosto das suas mãos fortes, da forma como segura o meu cabelo e me guia ao seu bel prazer. Ah maravilhoso! Solto gemidos, entregue. Inácio brinca com a minha boca, puxa-me pela cintura e logo estou sentada sobre o volume rígido.

Com uma das mãos ele segura o meu queixo, mantendo minha cabeça tombada para ter acesso aos meus lábios. Com a mão livre, escorrega a alça do meu vestido e brinca com o mamilo entumescido intercalando entre carinhos suaves e beliscões.

Estou de costas para ele, de frente para o lago escuro. Atrás de nós, uma rua arborizada cheia de casas, onde os moradores devem dormir sem saber que aqui um casal vive momentos tão intensos.

— Diz que passou a noite imaginando como poderia ter sido?
— fala ofegante mordendo o meu pescoço.

— Aham...

— Eu imaginei. Virei a noite sentindo o seu cheiro nos meus dedos, enlouquecendo de tão duro. Não consigo esquecer o quão gostosa você é, Agatha. Esses seios macios. Quero chupá-los enquanto você me cavalga. Te lambar inteira.

— Inácio... — sussurro excitada. As palavras dele mexem comigo.

— Tenho certeza que está molhada. Está?

— Aham. Estou.

— Pede. Sei que você quer mais. Então pede, porque quero escutar da sua boca.

Fecho os olhos como se isso apartasse a vergonha. Seguro a mão que acaricia meu seio e guio até o meio das minhas pernas dando passagem a ele. Rebolo discretamente, mas o suficiente para arrancar um rosnado da sua garganta.

— Toca-me aqui.

— Aqui? — alisa por cima da calcinha. Concordo com a cabeça — Faz o mesmo por mim.

Ele desliza para dentro da minha calcinha e desajeitada, tento libertar seu pênis através do zíper. Não consigo. Quando ele interrompe o que está fazendo para me ajudar, quero segurar sua mão onde estava.

Pela primeira vez, seguro seu membro entre os dedos incertos. Aperto. Sinto toda a extensão, movendo de cima para baixo. Ele está tão duro. Deus, é enorme!

— Aperta. — pede ao meu ouvido e geme quando obedeço. — Ontem precisei fazer sozinho. No caminho de casa. Seu cheiro estava impregnado em mim.

Imediatamente minha mente é tomada por imagens quentes, muito quentes. Agora que sei exatamente a extensão do problema, posso visualizar melhor. Sem dúvida é um problema enorme. Enorme.

— Juro que não queria te frustrar.

— Está pronta para me satisfazer, Agatha? — quase perco os sentidos com o que ele faz com os dedos — Acha que chegou o momento?

Oh que vontade de dizer sim.

— Eu. Eu... É que...

— Acho que continuaremos com as brincadeiras por mais algum tempo. — antecipa a minha resposta — Fique tranquila. A espera só vai tornar as coisas mais interessantes.

— E se eu nunca quiser?

— Só vamos descobrir com o tempo. — não aguento e solto um gemido alto — Mas pelo fogo que tem, não acredito nisso.

Inácio toma o controle do seu próprio corpo e começa a se tocar enquanto faz o mesmo em mim. É alucinante. Seus dedos trabalham em mim freneticamente, e quando percebe o que me agrada, investe com maestria no movimento. Posso ouvir o barulho enquanto se masturba. Olho para o céu e as estrelas começam a embaçar.

Minha vista está pesada. Tremores começam em meu ventre e se espalham por todos os lados torando difícil manter a consciência que gira em torno de um único propósito: prazer.

Então ele vem. Chega com o pé na porta, derrubando o pouco de controle que acredito ter. Mostra o quão forte é o chamado da natureza, o clamor do corpo pela plena satisfação. É como um presente. Espetacular.

Volto a terra em câmera lenta, pouco a pouco tomando ciência da realidade. Só me dou conta que Inácio cessa os movimentos ao ouvir o seu gemido de libertação. Geme como se sentisse dor. Como se seu gozo fosse sofrido. O primeiro jato lançado cai molhado sobre a pele do meu braço e o próximo pouco a baixo. Não sinto nojo, mas no susto passo a mão as pressas.

Talvez minha reação tenha passado a mensagem errada.

— Desculpe. — enfia a mão nos bolsos. — Vou arranjar algo para te limpar.

— Não. Tudo bem. — olho para a água — Vou lavar aqui mesmo. Olha que coisa boa estar à beira do lago.

Sorrio olhando em seus olhos na tentativa de desconstruir a ideia que passei. E acho que consegui.

Debruço-me para a água e jogo punhados de água até limpar completamente o gel espeço e esbranquiçado. Discretamente esfreguei entre os dedos. A textura lembra baba de quiabo. Foi a primeira vez que vi pessoalmente, antes só em vídeos proibidos.

— Vem aqui um pouco.

Deitamos com as costas na madeira rígida. Admiramos o céu como se fosse a primeira vez, ou como se fosse a última.

— Se isso acabar amanhã quero que saiba o quanto me fez bem.

Era uma confissão. Sem me importar com julgamentos, disse.

Sua mão procurou a minha e ficou ali.

— Se isso acabar amanhã, quero que saiba que não será pela minha vontade. — respondeu.

5

Quarta-feira

Namoramos no carro até alta madrugada. Senti-me como uma adolescente cometendo algo muito errado. Enquanto pessoas iam e vinham, nos contemos, controlamos os beijos e com muito custo conseguimos manter as mãos longe.

Às 23h não havia mais movimento, quase nada. E quando a lua já estava alta deixamos a paixão falar mais alto.

Quando voltei para a pensão minhas pernas estavam bambas, os lábios inchados e entre as coxas... Uau! Lá estava molhado como uma poça.

Quinta-feira

Convidei Inácio para subir até o meu quarto. Sim, eu estava completamente mal-intencionada. Pelo amor de Deus! Estou enlouquecendo com tanto esfrega, esfrega. Ele sabe exatamente onde tocar, como tocar e abusa do direito de ser delicioso.

O desejo que sente é tão tentador. Inácio demonstra o quanto me deseja, expressa sem precisar de palavras o turbilhão de emoções que o possui quando estamos juntos. Provoca em mim algo que jamais senti.

Naquela noite faltou muito pouco. Quase nada. Chegamos a ficar completamente nus, mas quando ele deixava uma trilha de beijos em minha barriga, no exato momento que imaginei poder morrer, Ilma bateu à porta. Sem meias palavras disse que era hora da minha visita partir.

Deus, se ele tivesse feito o que pretendia, eu não resistiria.

Sexta-feira

Com medo de aborrecer Ilma, saímos para comer uma besteira na praça. Depois de muito tempo conversando, decidimos

que o melhor seria ficar um pouco no carro. Inácio insistiu para irmos à sua casa. Disse que lá teríamos mais privacidade e ninguém nos atrapalharia. Pensei em dizer sim. Eu queria muito dizer que sim. Só que isso seria a entrega final, ultima cartada.

Naquele momento aceitar ir com ele parecia um termo assinado dizendo “vamos transar”. Sei lá, não gostei. Corresponderia a um processo agendado; coisa que não quero. Sonho com espontaneidade, fogo, destino. Prefiro ter na lembrança a sensação de “aconteceu” do que de “marcamos”.

Talvez nem eu mesma compreenda o que quero de verdade.

Mesmo contrariado, Inácio fez do nosso namoro no carro, um momento espetacular. E mais uma vez nos despedimos ofegantes, quentes e trêmulos. Suas últimas palavras foram:

— Acho que terei que pedi-la em casamento. Só assim acabarei com esse sofrimento.

Entrei sorrindo. Achando graça da sua piadinha.

Não seria nada mal aceitar ao seu pedido.

6

O dia amanheceu movimentado.

Ilma corre de um lado para o outro com seu avental sujo de açafraão. Eu quase não respiro com todos os afazeres. Dona Yolanda, sua mãe, aparece para ajudar a organizar milhares de salgados encomendados pela prefeitura para a festa de final de ano.

Hoje a noite o prefeito reunirá seus convidados para uma confraternização tradicional da cidade. Apenas um grupo seleta irá participar.

— Agatha, pode me ajudar quando terminar aí? — Ilma aparece na porta da lavanderia — Preciso agilizar a montagem dos assados.

— Claro. Vou em dois minutos.

O agradecimento vem com um sorriso.

Corro para ajudar. É quase uma operação de guerra, todos concentrados e atentos as contagens e proporções exatas. Muito estava pronto, o que facilitou tudo, mas sempre há trabalho pela frente.

Antes das 17h Ilma diz que devo atender um telefonema na recepção. Vou até lá limpando as mãos em um pano. Estou esgotada, cabelos para cima e pernas doendo.

— Alô? — atendo desconfiada.

— Sou eu.

— Inácio? Como tem este número? — oh idiota — Esquece. Claro que você tem o número da pensão.

— Você está bem? — pergunta muito mais sério do que me lembro de ontem. Ele está em seu modo “homem superior ao mundo”.

— Estou bem. Ajudando Ilma com algumas coisas, porque tem bastante serviço hoje. Se você quiser me ver hoje, acho que teremos que marcar para mais tarde.

— Agatha.

— Talvez em uma ou duas horas. — estou tão surpresa com sua ligação, que não paro de falar — Tomo um banho rápido e...

— Agatha, — interrompe falando mais alto — Não nos veremos hoje.

Uau! Que banho de água fria.

Engulo as palavras. Congelo na garganta as frases elaboradas e deixo o ar voltar aos meus pulmões. Não que ele tenha obrigação de me ver, ou que tenhamos combinado algo. Apenas esperei que sim.

— Eu havia esquecido de um compromisso. Infelizmente não posso cancelar e deve terminar tarde.

— Tudo bem.

Não. Não está tudo bem.

— Nos vemos amanhã?

— Você me liga. Já sabe o número. — solto antes que engasgue — Tenho que ir. Ilma precisa de mim. Adeus.

Desligo.

O que acabei de fazer não tem nenhuma lógica. Eu sei. Mas do que interessa a lógica quando meu coração saltava feliz apenas com a voz dele verbalizando o meu nome do outro lado da linha?

É infantil e precipitado, mas fiz o que deu vontade. Amanhã posso não estar disponível. Quem disse que estarei sempre aqui quando ele puder me ver?

Que ódio!

Sem dúvida não é este o sentimento, mas é ruim. Péssimo na verdade.

— Que cara de velório, menina. — diz dona Yolanda quando retorna.

Nego com a cabeça e volto ao que estava fazendo.

— Ele não a convidou, não é? — encaro Ilma sem entender — Para a festa na prefeitura. Achei que a ligação era para convidá-la, mas pela sua cara, vejo que não.

— Ele disse que não nos veremos hoje. Tem um compromisso.

Mãe e filha se entreolham. Detesto pensar dessa forma, mas é como se sentissem pena de mim. Sabem de algo que não sei e tentam disfarçar. Olho para uma e depois para a outra à espera de respostas. Quero saber o que todos sabem e deixar de ser trouxa.

Dona Yolanda cruza suas mãos sobre a mesa e faz um aceno para a filha. Com o aval da mãe, ela começa a falar.

— Agatha, não sei o quanto você está envolvida com Inácio, mas temo que isso vá te ferir. Nos últimos anos diversas mulheres chegaram e se foram da vida dele, nada duradouro. Algumas semanas aqui, as vezes um mês. E nem uma única vez ele levou o caso abertamente.

— Nós tomamos sorvete em público. Saímos para jantar. — digo como se fosse prova das suas boas intenções.

— Sim. Jantares, sorvetes, cinema. Tudo isso irá acontecer, não duvido. Agora, estar ao seu lado e ser apresentada como qualquer coisa diferente de amiga? Nunca.

— Acha que sou mais uma amiga.

— Meninas, — começa dona Yolanda — ele lhe prometeu algo? — nego — então não há motivo para tristeza. Se está bom assim, fique. Se te incomoda, saia.

— Gosto dele.

— Acha que ele sente o mesmo por você.

Como vou saber isso?

— Não sei.

— Faça um teste então. Se ele gosta, não aceitara outro galo em seu terreiro.

— Mamãe!! — Ilma grita horrorizada.

— Estou mentindo? Homem não gosta de concorrência.

— Isso é conselho que se dê a uma menina?

— Ilma, segurei você mais do que deveria. Engoli conselhos que deveria ter dado e por isso, hoje está solteirona aqui enrolando salgados. Deixe a menina ser feliz. Se der errado, pelo menos tentou.

Nada mais precisa ser dito para ficar claro que um ponto do passado está mal resolvido entre as duas. Percebo no ar que péssimas decisões foram tomadas.

O silêncio impera na cozinha quando Durval rompe a porta com sua voz alta e jeito expansivo.

— Oi! Oi! — pega uma banana da fruteira — Ilma, tenho direito a acompanhante na festa da prefeitura. Quer se divertir um pouco.

Nossa! Mas atira para todos os lados mesmo.

— Obrigada, Durval. Tenho muitas coisas para resolver. — de repente ela olha para a mãe e depois para mim — A Agatha estava dizendo agora que gostaria de ir.

— Eu? — grito.

— Sim. — estreita os olhos — Comentou isso ainda agora. Não foi, mãe?

— Ah, foi. Foi sim. Agorinha mesmo.

Cumplices.

Durval morde a banana, olha para todas sem entender. Ele está cismado, no entanto, não perderia a oportunidade.

— Faço muito gosto da sua companhia. Saímos às 20h?

— ãh... Sim.

É evidente que está animado. Sorri, brinca apontando os dedos entre nós dois e comemorando feito um menino.

— Quem espera sempre alcança. — pisca — Te pego às 20h, gata.

Feliz e vitorioso, Durval sai cantarolando pelo corredor enquanto eu ainda avalio o tamanho do problema em que estou me metendo.

O cara abertamente tem interesse em mim. Em qualquer mulher. Então, sem medir as consequências, dei uma abertura do tamanho da Sapucaí para ele tomar liberdades. Tudo isso porquê? Porque estou mordida, decepcionada com a atitude de Inácio.

Faço tudo o que posso para ajudar na cozinha, deixando o máximo de coisas limpas e organizadas antes de subir para me arrumar. São vinte para às 20h quando saio do banho e começo a escorregar os dedos com preme pelos meus cachos. Enquanto eles secam e tomam forma, visto o mesmo tomara-que-caia branco que comprei dias atrás, hidrato a pele e finalizo com o único batom que tenho. O reflexo no espelho me agrada, mas a ocasião não. Começo a me arrepender da decisão que tomei.

Esperando por mim, está Durval em um terno cinza claro e sapatos marrons.

— Vamos? — diz apressado.

Apenas aceno com a cabeça e o sigo até o lado de fora.

Saímos pela calçada e o vento frio da noite faz meus pelos arrepiarem. Parece que vem chuva por aí. O tempo está tão fechado quanto o meu humor.

Andamos pouco até chegarmos a frente da prefeitura. Há fila de carros luxuosos estacionados dos dois lados da rua, quase todos grandes e escuros, caminhonetes. Uma delas ganha destaque, sei que é a dele quando bato os olhos. No canto superior do para-brisa há uma medalha com as iniciais MS.

— Durval, acho que não foi uma ideia muito boa. Deve ser um jantar chique e farei você passar vergonha. — digo olhando para trás. Querendo fugir. — Obrigada por me trazer, mas...

— Mas nada, Agatha. Agora não dá tempo de chamar mais ninguém. Não vai furar comigo aqui na porta, não é?

Caramba! Como ele é grosseiro e... direto. Grosseiro e direto demais para o meu gosto.

Infelizmente não estou muito melhor do que ele no quesito “más intenções”. Evito seus olhos, desvio para longe, inspiro o ar da noite tomando com ele um pouco mais de coragem e foco. Se vim até aqui é porque quis.

Entramos.

Depois de passar por um longo corredor, chegamos ao que se identificava por uma placa como “auditório”. Por trás da porta amarela, longas mesas forradas com tecido branco e rodeada por cadeiras escuras. Então vejo os convidados. Trinta, no máximo quarenta pessoas bem vestidas conversando em tom baixo com sorrisos discretos e taças cheias. Nenhuma delas parece animada com o evento.

— Olha, — começa Durval — esta é a minha chance. Uma grande chance de conquistar as pessoas certas nesta cidade. Aqui corre dinheiro, coisa grande de verdade. Você me ajuda e eu te ajudo. Seja simpática, sorria e não abra a boca para nada.

— Está falando sério? — Ele não pode estar.

Ele olha-me espantado como se a minha pergunta fosse a parte estranha no diálogo.

— Claro, querida. Se eu conseguir alguns minutos com o tal Barão da cana, estarei feito. Preciso de uma única chance.

— Você não conhece o Barão? — pergunto surpresa — Nunca o viu?

— Ainda não, mas de hoje não passa. — seus olhos brilham — O homem é mais ocupado do que o presidente. Pense em quanto ele poderia investir em minhas ideias, bancar os projetos que imaginei. Santa Cana deixará de ser uma cidadezinha brejeira e será a próxima Gramado do nosso país. Tenho tantos planos

— Tudo isso sob a sua influência mágica?

— Posso ser muito persuasivo, princesa. Caso contrário você ainda estaria com o grandalhão daquele dia e não aqui comigo.

Abro a boca para responder cheia de raiva. Suas palavras me atingiram em cheio e não pude ignorar a soberba. Estou tão ofendida que o melhor é ir embora e deixá-lo sozinho com a sua imbecilidade.

Viro-me lançando o cabelo para trás irritada e saio batendo o pé, mas não antes de escutar “Eu só disse a verdade”. Quando alcanço a porta fico cara a cara com quem eu queria encontrar. Ele realmente estava ali. Vestia um terno perfeitamente alinhado ao seu corpo, botões fechados e gravata vermelha. A mesma cor que brilhava sua aura agora.

Seus olhos foram do meu rosto para um ponto atrás que tenho certeza ser Durval. Consigo ouvir as engrenagens do seu cérebro trabalhando, seus punhos fechando e talvez, se tivesse esperado mais, veria uma explosão.

Não esperei.

Passei por ele como um tornado, sem rumo e sem freio até chegar do lado de fora onde os primeiros pingos de chuva tocaram a minha pele.

Onde eu estava com a cabeça? Que merda pensei que poderia fazer chegando em uma festa como trofelzinho de um boçal? Grande feito! Grande, enorme idiota que sou.

Corri bem rápido, tão rápido quanto corria na infância quando escutava som de tiro e sirenes de viaturas. Eu não fugia de Inácio ou de Durval, mas sim da vergonha. Um vexame sem tamanho. Quando dei por mim estava em um beco comprido pouco iluminado entre uma escola e um cemitério que eu não lembrava de ter visto.

Cansada, sentei em cima das minhas sandálias. Tentei recuperar o folego com a testa apoiada nos joelhos. Era tão ridículo estar assim por meu próprio mérito. Teria sido muito mais simples ficar no quarto lendo qualquer coisa, chorando minhas pitangas. Eu

não o teria visto. Ele não teria me visto. Durval jamais faria parte dessa equação.

Eu estava tão submersa nos meus pensamentos que só percebi que não estava mais sozinha quando vi os bicos dos sapados de couro diante de mim.

— O que está acontecendo? — perguntou Inácio.

Quem sabe se eu ignorá-lo ele vai embora. Sou incapaz de dar explicações agora, mas ele insiste.

— Agatha, eu realmente gostaria de entender por que estava naquele jantar com o homem que descaradamente deu em cima de você há poucos dias. Por que saiu correndo feito égua arisca?

Se sou uma égua, você é um jumento.

— O que o Barão da Cana tem com isso? — pergunto irritada lançando pedras contra ele.

Dizem que a melhor defesa é o ataque.

— Como é?

Fiquei de pé, mas sem as sandálias senti-me uma criança afrontando o próprio pai.

— Inácio, está tudo bem. Volte para o seu jantar, aproveite a noite como bem quiser e conversamos amanhã. Ou não. Apenas esqueça o que acabou de ver e siga em frente.

— Não irei voltar, e nem você. Vamos conversar agora.

— Inácio... mas que droga!

— Por que estava com ele? E não me diga que não. Seu amigo foi tolo o suficiente para cuspir um comentário infame e deve estar com alguns dentes a menos agora.

— O que? — quase gritei.

Ele fechou o punho e olhos com o semblante fechado.

— Era uma cara dura.

Jesus Cristo, que noite infeliz.

— Nada disso deveria ter acontecido, está bem? Foi um erro. Nem eu sei os motivos que me levaram a agir dessa forma... Quer dizer... Sei. E não me orgulho.

Encaro o chão e sem ter para onde fugir, volto a olhá-lo. Ele está quieto, atento ao que digo. A expressão fechada não mostra muito, mas a respiração pesada denuncia que se segura.

— Continue.

A voz dele sai seca, talvez mais rouca que o habitual, mas tento não me ater a isso.

— Sou nova, impulsiva. Claro que não justifica. Eu sei. — murmuro. Ele levanta as sobrancelhas — Fiquei frustrada quando me disse que não viria. Descobrir que não estou à altura de ser sua acompanhante foi um golpe ainda maior. Admito: eu quis ir e quis que me visse.

— Onde entra aquele cara que te cantava outro dia? Um escorregão meu foi o suficiente para que ele tivesse o que desejava. — ele leva a mão à testa — E de onde tirou que não está à minha altura. Que merda isso!

Engasgo. Ele está irritado com o que fiz. Eu estou. Só agora, depois de feito, vejo como foi precipitado.

— Não! Ele não teve nada de mim. Claro que não. Durval precisava de companhia, não queria ir sozinho. Convidou a Ilma, mas ela não pode ir e eu... Eu estava com raiva. Acabei dando ouvido aos conselhos da dona Yolanda, alimentando minha frustração. Foi isso. Fim. Ponto final.

Ele inclina a cabeça, respira fundo e fecha os olhos por alguns segundos.

— Tudo isso foi para me fazer ciúmes?

— Não! — grito.

— Então foi para que? — pergunta impaciente.

Ah que merda!

É tão irracional saber as respostas e simplesmente não querer acreditar nelas.

— Podemos pular essa parte? — esfrego o pescoço com os dedos trêmulos — A noite já foi humilhante o suficiente para uma vida. Vamos apenas esquecer. Eu nunca te vi, você nunca me viu e saímos dessa sem marcas.

— Você é capaz de me dizer que sairia dessa sem marcas? — olho para ele sem responder — Eu não. Sinceramente? Estou envolvido no que temos. Você ficou frustrada por não me ver, mas em nenhum momento deixou isso claro. Eu preferia ficar ao seu lado: conversar, aproveitar a sua companhia, te beijar, dar e receber carinho. Cheguei a esquecer o maldito evento.

— Inácio... — tento falar, no entanto, ele não permite. Ergue a mão em minha direção exigindo um momento.

— Se acha que ser jovem é razão para estar confusa sobre o que estamos vivendo, imagine pra mim. Estamos saindo há menos de uma semana. Saio do meu trabalho quando o ponteiro ameaça chegar às 5h da tarde. Desligo o telefone para que ninguém nos interrompa, quando jamais faço isso nem em reuniões importantes. Porra! As horas que passamos no carro são as melhores do meu dia. No carro, no meio da rua, entende como isso soa a retrocesso para um homem da minha idade.

Neste momento não sei o que dizer a ele. Deslizo a língua para fora da boca na intenção de umedecer meus lábios congelados, mas, mais do que isso, consigo que seu olhar severo ganhe um pouco mais de calor. Conheço o sentimento estampado, sei a intensidade que se esconde por trás de toda a postura de superioridade.

— O que estamos fazendo? — faço uma pausa — Parece que estamos juntos há um longo tempo. É intenso demais, denso demais. Nem somos nada realmente.

— Não?

Por que estou tão nervosa? Por que não tenho resposta para o que pergunta?

Ele inclina a cabeça esperando que eu diga algo. Coisa que não faço. Repentinamente bem-humorado, ele sorri e solta:

— Está apaixonada por mim. Estamos apaixonados.

A afirmação me pega de surpresa. Sei dos meus sentimentos, não dos dele, principalmente porque o Barão é a pessoa mais difícil de ler que eu já vi. Dentro da carapaça firme e forte vejo pouco do que gostaria, apenas quando estamos entregues ao calor do momento percebo aquele que se esconde.

Respiro fundo tomando um pouco mais de coragem.

— Eu fiquei muito chateada quando me ligou. Senti-me descartada. Durval apareceu com o convite, Ilma disse que você estaria lá e... Acho que... Pensei que o encontraria com outra pessoa ou que, sei lá. Olha, eu apenas segui o sentimento ruim que estava dentro de mim e fui.

— Chegou com outro para que eu visse?

— Exatamente. — Pronto falei.

Dou um passo para trás e subo em um filete de calçada, mas esbarro no poste de madeira que balança e apaga. Ficamos no escuro. Eu e ele, juntos em um beco escuro e vazio enquanto os primeiros pingos ganham mais peso molhando nossas roupas. Quase posso ver o vapor subir de nossos corpos já quentes.

Na penumbra, apenas com a luz indireta vindo da rua principal, vejo seu rosto examinando-me dos pés a cabeça. Bebendo da minha imagem molhada. Se antes por fora, agora por dentro.

Meus pés mal cabem na estreita calçada irregular.

— Pelo menos demos assuntos para a cidade se entreter por semanas. — brinca. Ele chega mais perto e segura meu quadril. Mesmo sobre a calçada, ainda sou mais baixa — A forasteira sai fugida da festa da prefeitura e eu, após agredir um homem, vou correndo atrás dela.

— Desculpe. — falo baixo.

— Vou pensar em algo que me compense o aborrecimento. —
brinca antes de me beijar.

Suas mãos apertam contra os meus ossos puxando-me para mais perto. Tão perto que pude sentir o desenho do seu tórax com os meus seios. Falta-me ar para tanta ansiedade. Borboletas fazem revoada em meu estômago. Sua boca úmida e macia sobre a minha devora os meus lábios sem penetrar a língua. Está tão quente. Ele me saboreia como fruta madura e succulenta, e eu amo cada segundo.

Não temos pressa. Devoramos um ao outro com volúpia, distribuindo mordidas e chupões para todos os lados até que sua língua pede passagem para explorar o interior da minha boca. Permito. Sigo a dança erótica chupando-a desavergonhadamente e arrancando dele gemidos brutais.

Debaixo de chuva, nos beijamos por longo tempo. O barulho da água caindo abafa um pouco, mas ainda posso ouvir os sons que ele emite, assim como ele deve ouvir os meus. É um sinal verde para continuarmos.

Estranhamente estou confortável. Nós dois engalfinhados contra o muro do cemitério em uma rua escura, debaixo de chuva. O calor do momento não pode ser usado como desculpa. Mesmo embriagada pelo desejo, eu estou consciente da decisão.

— Estou pronta. — afirmo enquanto ele distribui beijos em meu pescoço.

Inácio para. Acaricia meu corpo limpando a água que cai do céu e sorri. Ele entendeu a que me refiro.

— Vamos para a minha casa. — ele sugere.

— Não! — digo certa do que quero — Apenas continue.

Sem questionamentos, ele volta a distribuir carinhos em meu pescoço e colo, intercala pequenas mordidas, beijos e palavras quentes.

O vestido não durou muito, em um momento estava acumulado sob meus seios, depois em meu umbigo. Pude sentir algumas linhas arrebentarem quando Inácio forçou o monte de tecido para baixo fazendo-o cair ao redor dos meus pés.

Eu estou quase nua, apenas de calcinha, em um beco.

O pensamento depravado deveria me chocar? Porque não foi isso que senti. O misto de emoção e excitação fez o meu corpo cantar e tremer.

Inácio cai de joelhos diante de mim pouco se importando com os danos a sua roupa elegante. O blazer é lançado para trás e os botões da camisa são desabotoados às pressas. Vê-lo de joelhos aos meus pés me fez sorrir. E então ele afunda o nariz entre as minhas pernas, cheirando-me, inspirando profundamente antes de morder por cima da tanga.

Não posso manter os olhos abertos. Arqueio o corpo, deixo que minha cabeça tombe para trás e que a chuva molhe o meu rosto. Permito-me apenas sentir.

Sinto o ar quente soprar contra meus pelos pubianos, e a última peça ser retirada. Os dedos de Inácio afundam em minha anca, levando-me para mais perto do seu rosto, e a ponta da sua língua desliza de baixo para cima. Preciso olhar. Ele aprecia o gosto, busca por mais dentro de mim.

— Adoro gosto de boceta.

É uma cena e tanto que de forma alguma conseguirei esquecer.

Com os braços contraídos, ele mostra todos os músculos. Vejo seu nariz pressionado contra o meu clitóris enquanto a língua me penetra e os polegares deixam-me exposta para o perfeito trabalho da sua boca. Foco em seus olhos, eles estão em mim, vidrados. Mais uma vez a ponta macia escorrega para cima e para baixo, encontra o ponto sensível e se dedica a ele.

Uau! Ele realmente sabe o que faz.

Apoio em sua cabeça para me manter de pé, mas quando dou por mim, estou segurando os fios do seu cabelo com força, mantendo-o colado a mim. A língua ardilosa brinca comigo, trabalha sem parar. Estou tão excitada que poderia gritar a plenos pulmões. Quase faço. A chuva compete com os meus gemidos, talvez por sorte ou seríamos pegos.

É como se eu não estivesse aqui. Vou e volto, mergulho em prazer. Estou submersa, quem sabe em outra dimensão.

Preciso de mais, quero mais. Seguro seu cabelo sem me preocupar com a força, faço os fios de cabresto e rebolo em sua boca. Inácio não se afasta, pelo contrário, ele geme e o tremor provocado pelo som é delicioso.

Mordo um dos meus dedos na tentativa desastrada de me conter, ser discreta. É tudo em vão. Sou incapaz de segurar a onda de sensações, externo tudo que sinto com ações, sons e energia. Estou sorrindo com o rosto voltado para o céu, observando entre os cílios molhados a escuridão quando um relâmpago clareia tudo a nossa volta.

— Você parece uma miragem. Uma deusa desfrutando do prazer. — Inácio diz beijando e mordiscando meus lábios.

Mau percebi que se levantava.

Enlaço os braços por trás do seu pescoço, retribuo o beijo e nos devoramos mais uma vez. Vestindo apenas calças e sapatos, ele agarra minha bunda e ergue-me, enrolo as pernas a sua volta. Entre o muro de tijolos e o peitoral de aço, sou imprensada e consumida pelos mais lascivos sentimentos.

Ele está tão entregue quanto eu. Nos queremos com fome doentia.

— Quer mesmo fazer isso aqui? — ele pergunta afoito com a boca colada a minha.

— Não me faça perguntas.

— Não quero ser o seu arrependimento de amanhã.

— Pareço em dúvida? — provoco-o.

Minha tática dá certo. Ele não diz mais nada e volta a usar a boca para o que sabe de melhor: beijar. Ops... hoje descobri que ele sabe fazer outras coisas maravilhosas com a boca, mas isso fica no mesmo balaio.

Mantendo-me presa, Inácio encontra um preservativo em seus bolsos. Não sei como conseguiu colocá-lo, mas também não prestei muita atenção. Minha mente está concentrada em não pirar. Será aqui, de baixo de chuva, em uma ruela deserta com os mortos como testemunha. Será agora.

— Diz o que quer, Agatha. — ele sussurra em meu ouvido com sua voz grave e pesada pelo desejo.

Seu membro está encostado em minha entrada, posso sentir. Afrouxo os braços e ganho um pouco mais de distância em nossos rostos. Avalio seus intensos olhos dourados, que parecem brilhar mesmo com pouca luz.

— Quero que tome o que estou te dando. — colo a boca a sua — Possua-me!

Oh sim! Ele não titubeia nem por um segundo. Escuta as minhas palavras, sorri com a testa colada à minha e termina unindo nossos lábios enquanto sutilmente move o quadril. Sinto-o invadir-me pouco a pouco. Meu corpo resiste, tenta impedir que o intruso complete o seu caminho, mas ele insiste. É firme e delicado, não impõe nada, mas não recua.

Arqueio quando sinto a primeira ardência. Seus dedos afundam na carne das minhas coxas onde sustenta o meu peso.

E então, depois de um único segundo de pausa, sua língua dança macia e deliciosa dentro da minha boca, distraindo-me. Sugo o seu sabor. Aprecio. E lá em baixo onde nos conectamos novamente, uma entocada precisa rompe meu hímen.

Grito, mas Inácio engole. Intensifica o beijo de tal forma deixando claro sua satisfação. Com um dos braços envolve minha cintura, forte, enquanto espalma a mão direita em meu rosto,

segurando-me, dominando-me no que não posso chamar de beijo, mas sem de reivindicação.

Ele está dentro de mim. Investe continuamente abrindo o meu corpo. Posso sentir seu pênis passar, ir e voltar, acariciar tão profundamente. É fantástico! A medida que relaxo, percebo a ação se intensificar com furor. Minhas costas batem contra o muro e respondo aos movimentos.

Estamos molhados pela chuva que não dá trégua. Nossos corpos deslizam para cima e para baixo, emitem sons próprios. Cruzo as pernas com mais força em volta dele, agarro-me com as unhas.

É maravilhoso! É dolorido.

Inácio morde meu lábio inferior e penetra mais forte. Mais forte. Estamos alucinados. Meu corpo ondula sob o dele e sei que entende o que está por vir porque não para enquanto isso acontece. Posso ouvir o seu esforço, a respiração ofegante e quente soprando a minha pele molhada, seus músculos tensionados e as veias saltando em seu pescoço.

Não é o meu primeiro orgasmo, já alcancei alguns sozinha. Aprendi a tocar o meu corpo e descobri que gostava daquilo. Mas isso? Deus, não se compara!

Estico o tronco tombando a cabeça para trás. Com os olhos fechados e as unhas arranhando os ombros de Inácio, chego ao ápice.

7

Escuto uma voz baixa e distante, mas não compreendo o que diz. A ponta do meu nariz está gelada, faz cocegas, e o peso de um denso edredom sobre o meu corpo me deixa confortável. Estou sozinha na cama de Inácio.

Depois do nosso momento especial ontem, aceitei o seu convite e passei a noite na fazenda. Não pensei em nada. Estávamos cansados, satisfeitos e ensopados. Parecia triste deixá-lo partir e ficar sozinha em meu quarto na pensão.

Quando finalmente desperto, ouço:

— Fique tranquila, ela está comigo. Não precisa dizer nada disso. Estou ciente das minhas obrigações.

Sento-me cobrindo os seios e arrumando os cabelos, eles estão uma bagunça. A luz do banheiro está acesa e a porta entreaberta.

— Ilma, você sabe que ela não é uma criança, não sabe? — silêncio — Pode deixar.

Ajeito-me na cama quando ele volta ao quarto. Vejo que tomou banho e fez a barba. O cheiro toma conta do ambiente e a imagem do seu corpo me faz ofegar. Ontem chegamos cansados, tomamos um banho juntos e pegamos no sono enquanto assistíamos televisão. Não tive a oportunidade de admirá-lo a essa distância. É uma visão hipnotizante.

Com uma toalha preta enrolada na cintura, sobra pouco para a imaginação. Longos braços e pernas bem trabalhados, os músculos formam desenhos sem excessos. Pele morena, como se pegasse sol com frequência.

— Ela está aborrecida por eu não ter avisado? — pergunto apontando para o aparelho em sua mão.

— Ficou preocupada. A cidade só fala do meu acesso de fúria, chegou aos ouvidos dela e aí, já viu. Ilma tem o costume de cuidar das pessoas e teme pela sua segurança. — ele dá de ombros — Quem conta um conto, aumenta um ponto. Parece que eu quase matei o seu amigo depois de surpreendê-los aos beijos e por aí vai.

Caramba! Isso não é nada bom.

Olho pelo quarto procurando a minha roupa, mas não vejo nada. Preciso voltar à pensão e explicar o que aconteceu.

— Onde estão minha roupa e sapatos? — pergunto afoita.

— Coloquei na máquina, logo seu vestido estará limpo e seco. Por que precisa dele agora? — sobe na cama como uma pantera — Não precisa de roupas aqui.

— Tenho que voltar. Ilma vai acabar me colocando para fora. Vou explicar...

— Que transamos na rua? Que tentou me fazer ciúmes e conseguiu?

Assisto-o retirar a coberta das minhas mãos e expor meus seios. Ele se abaixa suga um mamilo e depois o outro até que estejam endurecidos e minha pele arrepiada. Fico sem palavras. Esqueci o que dizia porque só tenho concentração no que sua boca provoca. Não faço nada, apenas observo-o espalhar um caminho de beijos até o meu umbigo e depois descer mais e mais.

Oh, por favor!

As palavras dão lugar aos sussurros de satisfação. Ele brinca com o meu corpo e eu deixo, aceito feliz. É surreal. Seus dedos entram e saem de mim, vibram em meu interior enquanto a língua surra o meu clitóris deliciosamente.

Quando vejo, estou sobre meus joelhos e cotovelos sendo penetrada com violência. Seu pênis entra e sai rapidamente, chega tão fundo que consigo sentir o choque. Não me contenho e grito. Grito de prazer e ele também. Segura meus mamilos, aperta meus seios e puxa meus cabelos quase ao mesmo tempo.

Uma hora depois estamos no chuveiro.

Inácio sai para pegar uma toalha. Depois de nos secarmos, ele busca o meu vestido e descemos para tomar café da manhã. A casa parece maior do que eu me lembrava. Quando estive aqui, na noite de natal, fiquei restrita a área de serviço e não tive noção do tamanho, mas agora vejo.

— Você mora aqui sozinho? — pergunto enquanto ele procura por uma frigideira no armário.

— Hoje sim.

Ah claro. Antes ele morava com a esposa.

— Seus pais ainda são vivos?

— Minha mãe sim. Aurora é urbana demais para ficar em Santa Cana. Ela é cidadã do mundo, sabe? Não dura mais de um ano no mesmo lugar, vive uma vida que não reconheço como feliz.

Ele a chama pelo nome? Que esquisito.

— Acho que agora também sou cidadã do mundo. — penso alto.

Inácio olha-me sério. Presumo que não gostou das minhas palavras.

Ágil, ele pica alguns temperos. Fatias de bacon estalam na frigideira fazendo meu estomago roncar de fome. O cheiro está maravilhoso. Em dois tempos tenho um prato pronto diante de mim. Comemos juntos conversando sobre a rotina da fazenda e os negócios. Animado, Inácio conta sobre a sua produção artesanal de cachaça. Sorrio sem conseguir disfarçar.

Ele é tão orgulhoso do seu trabalho.

Descubro que todos os hectares de cana plantados vieram de três gerações. E que seu avô construiu a usina de açúcar, responsável hoje por grande parte do lucro bruto, antes do etanol e muito antes da cachaça.

Ele fala e fala enquanto como sem desviar os olhos dele. De pé e sem camisa, gesticula casualmente explicando nos mínimos

detalhes sua rotina e obrigações. Mesmo aquilo que não entendo, concordo. Estou maravilhada com sua desenvoltura.

— Parece muito interessante.

Realmente estou interessada. Não tem como não ficar com ele falando tão animadamente dos seus negócios.

— Na próxima semana posso levá-la à usina. — ele inclina a cabeça como se duvidasse — Se quiser ir, é claro. O processo é incrível. Lembro-me quando era criança e acompanhava meu pai. Eram os melhores momentos que passávamos juntos, só nós dois.

— Eu vou adorar.

— Sabe, eu fui o que pode-se chamar de “golpe da barriga”. Meu pai tinha cinquenta e oito anos quando eu nasci. — ele bebe um pouco de café — Minha mãe tinha dezessete anos quando começou a ajudar nos trabalhos domésticos daqui de casa. Ela era afilhada postiça de Germana e soube usar o que tinha de melhor para garantir o seu futuro.

— Mas então ela era menor de idade. — comento sem querer.

— Olhando de fora parece o velho que se aproveitou da garotinha. Concordo. Infelizmente com o passar dos anos as histórias do passado vieram livremente até mim e posso te garantir: minha mãe nunca foi uma garotinha ingênua nessa história.

Todo o clima descontraído de antes desaparece e vejo que este não é um assunto feliz para ele.

— Hoje é o último dia do ano. — ele concorda com a cabeça — Passaremos juntos a virada?

— Eu me sentiria usado se você resolvesse outra coisa.

Começo a rir.

— Perguntei porque não quero parecer oferecida, Inácio. Imagino que você tenha compromisso, jantares ou festas agendadas. Tudo bem por mim, posso passar na pensão.

No meio da última frase sou puxada para o seu colo. Inácio segura-me pelo quadril e beija o oco do meu pescoço enquanto fala.

— Quero que passe a virada de ano comigo. Nada será melhor do que isso. — arrepio quando morde minha orelha — Além disso, estou me segurando para não parecer precipitado, mas preciso perguntar.

— O que foi?

— O engenheiro. Ele mora na pensão, provavelmente dorme no quarto ao lado do seu. Vocês devem, no mínimo, se esbarrar. O que há realmente entre vocês?

Ciúmes. Ele está se mordendo de ciúmes.

— Não há nada. De verdade.

Ele me beija. Examina minhas expressões por um instante e então relaxa. Acho que se convence, porque segura meu rosto entre as mãos firmes, sussurra um “tudo bem” e recomeça o beijo. Permito-me sentir seus lábios devorando os meus, o sabor da sua boca e o calor crescente.

— O que quer fazer a noite?

Penso um pouco e digo:

— Surpreenda-me.

A fazenda estava completamente vazia. Inácio deu folga aos funcionários e eles só voltam a trabalhar dia 03. Logicamente isso não acontece na usina, apenas aqui, afinal as máquinas não param.

Aproveitamos o dia e a privacidade para desfrutar da companhia um do outro e esquecer que há um mundo lá fora. Pela primeira vez andei a cavalo, só que não tive coragem de encarar um animal daquele porte sozinha, então me contentei com a garupa. Fui apresentada a Rigan, um belíssimo mangalarga machador com pelagem marrom escuro. A princípio tive medo, mas quando vi Inácio interagindo com ele, percebi a docilidade do bicho.

— Ele é tão elegante. — comentei.

— É sim. Vi Rigan nascer, estou com ele desde então.

Acho que conheci todos os cantos da fazenda: pasto, estábulos, canil, pomar... a área social é enorme. Piscinas, área

para churrasco e até mesmo um teleférico. Infelizmente quase nunca é usado. Inácio comentou que algumas vezes empresta para amigos ou até mesmo funcionários, mas que ele não tem tempo de usufruir. A plantação fica um pouco mais afastada, tive um rápido vislumbre da divisa, no entanto, não fomos até lá.

Ao final da tarde decidimos colher frutas do pomar e montar uma cesta. Além de frutas, colocamos queijos, pães, uma garrafa de vinho e outra de cachaça.

— Acha que vou gostar disso? — pergunto torcendo o nariz para a garrafa com o líquido amarelado.

— Tenho certeza. — ele beija o vidro — Não estamos falando daquelas bebidas baratas e sem sabor que a finalidade é apenas embebedar quem as consome. Hoje você conhecerá a melhor e mais premiada cachaça do país. São quinze anos em barril de imburana apurando o sabor da madeira.

— Falando assim, eu acredito.

— Mas é para acreditar mesmo.

A noite cai e enquanto ele resolve alguma coisa no primeiro andar. Eu tomo um banho, vou até o seu armário e procuro entre as muitas peças até encontrar a perfeita. Visto uma camisa branca de botões e mangas curtas, arranco o cadarço de uma bermuda e dou uma volta em minha cintura para deixá-la mais marcada. Abro os primeiros botões para valorizar o decote e estou pronta.

Cara lavada, trança no cabelo. Talvez passe longe do que qualquer mulher queira para a virada de ano, mas sinto-me perfeita.

Desço a escada com a sandália na mão e encontro Inácio digitando algo em seu celular. Ele veste bermuda e camisa branca, um par de chinelos e nada mais. Completamente diferente do homem fino e elegante que eu vi naquela festa de natal.

— Está linda! — elogia-me.

— A camisa é sua. — digo com medo de que ele não tenha gostado.

— Fica melhor em você do que em mim.

Sorrio para ele. Caminho rapidamente cortando a distância que nos separa, pulo em seu pescoço e o abraço forte. Cheira tão bem! Adoro a forma perfeita que nos encaixamos.

Estou feliz. Ele me faz feliz e descobri que compartilhar esse sentimento é a coisa mais maravilhosa que existe.

Depois de um longo beijo, descanso a cabeça em seu peito e pergunto-me como tudo aconteceu. Quão rápido foi o giro que dei? Um dia eu estava no Rio de Janeiro sem saber como seguir com a minha vida, e no outro chegava em Santa Cana, dando início a uma nova jornada. Posso dizer que forcei o destino a apertar o reset e recalculou a rota.

— Vamos? — Inácio pergunta.

— Para onde?

— Será uma surpresa.

Bom, fui eu quem pediu para ser surpreendida. Agora tenho que aguentar a ansiedade.

Reconheço o caminho, ou pelo menos a escuridão e o piso acidentado dele. Seguimos conversando sobre as expectativas para o próximo ano. Inácio fala sobre seus planos profissionais, o aumento nas exportações e as vendas no mercado interno. Ouço-o falar, mas evito fazer qualquer comentário porque não entendo bulhufas de negócios.

— E você, o que espera para os próximos 365 dias? — ele pergunta.

— Não espero nada. — respondo sincera — Qualquer coisa que acontecer daqui para frente será além do que eu esperei. Não tenho planos para o futuro, quero apenas seguir em frente.

— Isso não é verdade. Sempre esperamos algo, torcemos por alguma coisa.

— Se eu tiver saúde para trabalhar e um teto, ficarei feliz.

De alguma forma minha resposta não o agrada, e deixamos o assunto morrer. Inácio dirige com os olhos focados na estrada de terra, mas mantém sua mão direita sobre a minha coxa e vez o outra aperta os dedos acariciando a pele.

Como imaginei, estamos na cachoeira.

Ao contrário da noite anterior, hoje o céu está limpo e estrelado. A lua cheia nos dá o ar da graça abrilhantando o que já estava perfeito. No meio da clareira, como convidada especial ela brilha prateada.

Inácio abre a carroceria da caminhonete, tira a capa protetora e sorri com os olhos focados nos meus.

— Surpresa! — diz com os dentes a mostra.

— Não acredito nisso! Como?

— Aproveitei enquanto você estava no banho. Deu trabalho, mas consegui.

Nossa! Realmente deve ter dado muito trabalho.

A carroceria está ocupada por um colchão de casal. Nada simples: lençóis brancos bordados, alguns travesseiros, almofadas vermelhas, uma manta felpuda e a cesta que montamos. Uma cama portátil e confortável a céu aberto banhada pela luz do luar. Além disso, vejo duas toalhas, uma cartela de preservativos e lubrificante.

Levo a mão a boca, chocada. Eu realmente nunca imaginei algo assim. Foi totalmente inesperado.

— Será o melhor ano novo da minha vida. — digo empoleirada em seu pescoço.

— Estou me esforçando para isso. Quem sabe assim me torno um dos seus pedidos.

Não digo mais nada. Fico imóvel com os braços envolvidos em torno dele enquanto assisto-o abrir os botões da camisa que visto, um a um. O tecido escorrega livremente pelo meu corpo até que estou nua. Faço o mesmo com as suas roupas, deixando-o nu.

Nadar sem roupa é uma experiência libertadora. Entramos juntos na água pisando no chão de cascalho escorregadio. Mergulho de uma vez afundando completamente na água gelada. Meu corpo volta a esquentar quando Inácio me puxa para si, abraçando-me por trás e começa a andar comigo de um lado para o outro, cortando a água cristalina. A cada passo um beijo. A cada beijo uma palavra.

— Você. — um beijo — Foi. — outro beijo — A melhor. — mais um — Coisa. — outro beijo. Este acompanhado de uma mordida — Do meu ano.

— Você foi a melhor coisa da minha vida. — confesso pendendo a cabeça para trás e permanecendo com ela em seu ombro. Olhamos juntos para o céu estrelado. Ficamos assim por algum tempo até que testemunhamos uma estrela cadente.

Acho que em toda a minha vida, nunca vi uma estrela cadente. Tão pouco contemplei céu mais bonito que este, limpo e estrelado. Os pontinhos brilhantes parecem tão perto que eu poderia tocar.

— Não tem noção do quanto é linda, não é? Às vezes acho que é inocente demais para a sua própria segurança. Quero devorá-la, entrar em você para não sair nunca mais.

Ele acaricia meu corpo. Não em partes óbvias para um casal nu, mas sim todo o meu corpo. Desliza mãos e língua sobre a minha pele e me embebeda com suas palavras ditas com voz rouca ao meu ouvido.

— Seu cheiro. — Inácio continua — A maciez da sua carne. A umidade entre as suas pernas. Seu cabelo... Tudo. O meu pedido para aquela estrela é que você nunca mais saia da minha vida.

— Fala mais. — sussurro.

— Prefiro mostrar.

— Inácio...

— Desejo que seja minha.

Quando ouvimos os primeiros foguetes já estamos na caminhonete.

Inácio está recostado sobre o monte de travesseiros e os braços cruzados atrás da cabeça. Ele aproveita a viagem, venera meus seios balançando a poucos centímetros do seu rosto enquanto cavalgo em seu membro. Subo e desço aprendendo a coordenar os movimentos, sentindo até onde posso ir. Rebolo, danço em vários ritmos em busca da intensidade perfeita.

Oh, sim!

Nossa trilha sonora é a queda da cachoeira e de longe os fogos que felicitam a chegada do novo ano à medida que Inácio me preenche. Levo-o tão fundo, tão forte. Mais rápido, depois lento. Curto cada centímetro, dando ao meu corpo tempo para se adaptar.

— Assim! Isso mesmo. — diz ele segurando em meu quadril com as duas mãos indicando o ritmo.

Dessa vez escorrego até a base, permitindo que entre por completo, com força. Paro sobre ele, levo minhas mãos aos seios, aperto os mamilos e escorrego uma delas até o meu centro. Brinco onde sei e como sei. Inácio fica hipnotizado com a cena. Pede que continue. Implora. Vejo tanto desejo em seus olhos.

Apoio-me em meus joelhos montada sobre ele e dou espaço para que se mova. Preciso equilibrar-me em seu peito quando começa a arremeter. Ele quer que eu me toque, leva minha mão até o meu clitóris. Faço. Brinco ao passo que ele me invade mais e mais.

— Inácio! — grito.

Ele entende o que quero, sabe como fazer.

Em um segundo nossas posições são invertidas. Abro as pernas tão amplo que apoio os pés nas laterais da carroceria e as mãos em algo que não sei o que é acima da minha cabeça. Fico exposta, aberta para ele. Vejo estrelas quando todo o seu peso é lançado contra mim. Mais precisamente dentro de mim.

Não sei como, mas ele parece maior agora. Meu corpo sofre para acomodá-lo. Não reclamo.

— O que você quer para o próximo ano? — pergunta segurando meu queixo — Faça um desejo.

— Desejo ser tão feliz quanto sou agora.

Ele me beija e com um sorriso no rosto completa a minha resposta:

— Que eu seja o motivo da sua felicidade.

Sem dúvida foi a noite mais especial que já tive em minha vida. Talvez mais memorável do que a anterior. Não, as duas tiveram o mesmo peso, mas a virada de ano foi além do que imaginei um dia poder viver.

Atravessamos a madrugada nos amando como se nada mais importasse, curtindo as coisas menos prováveis. Descobri que Inácio tem uma coleção de pedras. Ele disse que desde criança recolhia uma pedra do chão de cada lugar que ia com o pai, e quando mais velho isso se tornou uma mania. Hoje, depois de já ter viajado boa parte do mundo, tem milhares de pedra de todos os cantos do globo.

Quando perguntei se uma delas era a sua favorita, ele respondeu:

— Eu diria importante e não favorita. Estive em Auschwitz, na Polônia.

— Nos campos de concentração? — pergunto horrorizada. Ele confirma com a cabeça.

Só de mencionar o ar pesa e o clima parece refletir isso. Estamos deitados, eu apoiada em seu peito. Inácio junta nossas mãos no ar como se estivéssemos em oração. Meus dedos não chegam ao meio dos seus, pareço uma criança comparada ao tamanho.

— Sabe, quando falamos ou estudamos sobre o Holocausto não conseguimos imaginar a proporção do que foi. É fora da

realidade que vivemos, distante demais. Quando estive lá, tudo em mim mudou. Trouxe no bolso uma das pedras que encontrei e durante as três horas de visita imaginei o que aquela rocha havia presenciado.

Ouvir o que disse foi como ser questionada. Um pensamento tomou conta de mim e me senti culpada.

— Jamais te imaginei assim. — admito focada em nossas mãos unidas — De longe, a primeira vista que tive foi totalmente equivocada.

— O que pensou sobre mim?

— Você passa superioridade, impaciência. Acho que te detestei de cara.

Ele sorri e eu também.

— Dizem que a primeira impressão é a que fica, e nos vimos pela primeira vez naquela festa de natal onde a encontrei onde não deveria. — abro a boca para explicar, mas ele não me permite falar — Hoje sei o que aconteceu, mas antes não sabia. Todo fim de ano é a mesma coisa: muita gente, convidados indesejados e aborrecimentos. Se eu pudesse, cancelaria o evento, mas não posso. O natal na fazenda existe há muitos anos, desde o meu avô.

— Normalmente passamos o natal com a família e o fim de ano com os amigos.

— Pois é. Aqui sempre foi assim.

— Você é o Barão da Cana. Mude o que não te agrada, oras.

Inácio olha-me de soslaio e concorda. Ficamos em silêncio novamente até que meus olhos pesam, o sono vence e adormeço em seus braços a tempo de ver os primeiros sinais da alvorada.

Dia primeiro de janeiro deveria ser batizado de dia internacional da preguiça, da procrastinação e do Netflix.

Sim, tudo o que fizemos foi na cama. Uhum!

Depois de acordar e tomar um gostoso banho de cachoeira com direito a cenas calientes ao ar livre, voltamos para a casa da

fazenda e nos trancamos no quarto. Inácio escolheu alguns filmes, me apresentou suas séries favoritas e eu exibi um pouco dos meus dotes culinários com a melhor bacia de pipoca doce que ele já comeu na vida. Ou fingiu...

A cidade estava movimentada quando fomos à pensão buscar algumas roupas para eu passar mais um ou dois dias com ele. Talvez movimentada não seja a palavra, mas estava mais animada do que de costume.

Ilma não se conteve e despejou alguns minutos de sermão pela minha imprudência em sumir sem avisar. Disse que se sente responsável por mim de alguma forma.

— Desculpe, Ilma. Isso não vai se repetir, prometo.

— Espero mesmo. — ela olha séria para Inácio — Não pense que vou me calar por quem você é, porque para mim sempre será o menino chato do casarão.

Mesmo achando graça, ele se endireita e aperta os braços em volta de mim escondendo o sorriso com um beijo no topo da minha cabeça.

— Agatha vai passar uns dias comigo na fazenda. — Inácio se adianta e dou uma cotovelada nele.

— Não! Quer dizer... Se estiver tudo bem eu tirar dois dias de folga. Posso voltar amanhã mesmo e... — fico nervosa e tropeço nas palavras.

— Tudo bem. — ela diz — Você pode ir. O serviço agora está tranquilo. Tire esses dias de folga e quando voltar conversamos sobre os seus horários e folgas. Considere esta primeira semana como uma experiência.

Que alívio!

Aperto os braços de Inácio. Estou feliz e mais tranquila. Não poderia perder o trabalho que consegui e muito menos o teto. Ilma foi quem me estendeu a mão quando cheguei, não posso ignorar isso.

— Bom, então vamos pegar as suas coisas. — Inácio fala apontando para a escada.

Já no segundo andar separo algumas peças de roupa, escova de dente e shampoo.

Não tenho quase nada, mas mesmo assim me preocupo em deixar algumas coisas como um sinal de que irei retornar. Talvez seja inconsciente ou não, mas preciso disso.

— É tudo o que tem?

— Sim.

— A sua vida está dentro dessa mochila? — o tom dele é de descrença.

— É tudo de que preciso. Sou uma viajante, não preciso de muito.

Inácio olha em volta, segura o meu rosto mantendo-me focada em seus olhos. Há tanto neles.

— Você não é mais uma viajante, Agatha. Precisa criar raízes, viver a sua própria história. Quero fazer parte dela. Tudo o que dissemos ontem tem valor para mim, e espero que tenha para você também. Eu estou me permitindo. Faça o mesmo.

— Foi modo de falar.

— Não, não foi. É como você se enxerga.

Ele tem razão. Quero estar aqui, quero pertencer a este lugar, mas é tudo tão bom que renego o que está bem diante dos meus olhos. O tempo de fugir já passou.

Inácio bem que tentou comprar alguma roupa para mim no caminho, mas todos os comércios da cidade estavam fechados devido o feriado de primeiro de janeiro. Ele é teimoso e mesmo eu dizendo que não era necessário, tentou.

Ainda bem que deu errado.

8

Foram dias doces como açúcar e fortes como cachaça.

As vezes me peguei admirando Inácio nas mais simples ações e me perguntando se verdadeiramente eu merecia o presente que foi a minha última semana do ano. Antes de dormi, agradei. Não tenho nada a pedir, tudo de melhor está aqui bem diante das minhas mãos. E não me refiro somente ao homem interessante e intenso que encontrei, mas a tudo.

As pessoas que ganhei levarei para sempre. Ilma, Sávio, Yolanda... até mesmo Germana que, apesar de contida, tem um enorme coração.

Voltei à pensão e ouvi a proposta de Ilma. Ela quer que eu trabalhe de terça a sábado durante o dia, ajude-a com as encomendas e com a casa. Por esse serviço receberei um salário, moradia e alimentação; coisa que muito me agrada. Aceitei sem pensar duas vezes... mesmo que Inácio tenha oferecido outras opções em suas empresas.

Mais uma vez dei ouvidos a dona Yolanda, que disse que onde se ganha o pão, não se come a carne. E ela tem razão. Não posso estar sob as asas de Inácio e acreditar que isso não influenciaria no nosso relacionamento. Seria ingênuo demais até mesmo para mim.

Ouçó alguém descer as escadas pisando duro e olho curiosa. Hoje é cinco de janeiro e logo que o sol nasceu chegaram novos hóspedes: todos novos trainees na usina.

— Pode comemorar, morena. Estou de partida. — Durval me surpreende segurando uma mala.

Olho-o atônita e preciso de um instante para processar o que diz. Em seu rosto, um corte inchado sobre o lábio roxeado.

— Eu não sei do que está falando.

— Ah não sabe? Então deixa que eu te explico. O seu macho me expulsou da cidade depois que descobriu o par de chifres se aproximando.

— Como é? Você só pode estar louco.

Com a cara fechada, ele passa por mim feito um foguete. Um taxi o espera na porta, e ainda posso vê-lo jogar a bagagem no porta-malas antes de partir.

— Agora temos um quarto vago. — Ilma aparece — Vou ligar para o primeiro da lista de espera.

Corro atrás dela.

— Você escutou o que ele disse? Que homem louco.

— Louco ou não, Durval não mentiu em tudo. Agatha, pelo que eu soube, Inácio disse para quem quisesse ouvir naquela festa que o mataria se ele chegasse perto de você novamente.

Olho para o chão, tentando esconder o espanto.

— Obvio que foi uma forma de se expressar. — ela diz — Conheço-o desde sempre e sei que jamais faria algo tão extremo. Mas... você tem um homem poderoso nas mãos, não espere que ele reaja bem quando é provocado.

— Durval perdeu o emprego por minha causa. — lamento.

— Não. Ele deixou o emprego porque a esposa soube que ele tinha muitos chamegos por aqui. Tenho certeza que disse aquilo para te fazer sofrer. — ela respira profundamente — E vejo que conseguiu.

Sim, ele conseguiu, mas por pouco tempo.

A semana não demora a passar.

Inácio mantém a rotina de vir a noite para ficar comigo, mesmo precisando namorar no carro. Afinal, Ilma não aceita visitas nos quartos de ninguém.

Quarta-feira estamos com o tesão a flor da pele, e discretamente, sem que ninguém perceba brincamos e ofegamos

entre beijos e carícias. Cada minuto é a mais deliciosa tortura. E sem poder mais esperar, concordo em passar a noite na sua casa.

Quinta chego a tempo e trabalho com um sorriso de orelha a orelha que é notado por todos que esbarram comigo nos corredores. Dona Yolanda diz que estou com cara de quem fez “sem vergonhice”. Ela tem razão. Mas ninguém pode me culpar, esperei demais e por sorte subitamente encontrei alguém que me completa em todos os aspectos; na cama então... Oh Deus!

São 19h de sexta-feira e Inácio ainda não apareceu e não ligou. Mesmo preocupada, tento me conter, ocupo o tempo lendo um livro que comprei mais cedo deitada na rede da varanda. Estou no quinto capítulo quando vejo a caminhonete estacionar junto a calçada.

Inácio atravessa o portão apressado, vem até mim, agarra-me pela cintura e nos entregamos a um longo e apaixonado beijo.

Quando nos separamos estou sem ar.

— Onde esteve? — quero, mas não consigo evitar a questão.

— Precisei ir à capital pela manhã para uma reunião com assessores do governo. Demorou mais do que imaginei, estenderam para um almoço, depois tive problemas com a liberação da decolagem. Um caos. — esfrega a mão pelo cabelo — Vamos comigo para a fazenda? Preciso de um filme, carinho e pipoca.

— Da minha pipoca maravilhosa. — mordo seu queixo.

— Preciso da moça que faz a pipoca, mas aceito o doce como ponte.

Como negar um pedido desses? Estou entregue ao que sinto.

Foi paixão súbita.

1 de agosto de 2018

— Onde está me levando? — viro a cabeça de um lado para o outro quando o carro é desligado — Inácio, ainda estamos dentro da fazenda?

Meus olhos estão vendados com um lenço escuro. Não vejo nada, mas senti pelo balanço do carro que viemos por uma estrada de chão acidentada.

— Calma. Logo irá saber.

Ele desce, contorna o carro e abre a porta me ajudando a desembarcar. Apoio em seus ombros e sinto uma alça grossa. Imagino que esteja carregando algo como uma mochila.

— O que tem aqui?

— O futuro. — seu tom é otimista e amoroso.

Nos últimos meses descobri que mesmo com toda a sua intensidade, Inácio pode ser muito amoroso.

De mãos dadas, caminhamos em um terreno irregular. Meus sapatos afundam na terra, quase escorrego em alguns momentos. Prestando muita atenção ouço som de água. Tem água corrente aqui, posso ouvir claramente agora.

Parece...

— Estamos na cachoeira? — pergunto enquanto ele me posiciona voltada para algum lugar que ainda desconheço.

— Vou te mostrar. — ele fala sussurrando ao meu ouvido.

Parado junto as minhas costas, Inácio segura meus ombros. Suas mãos escorregam pelos meus braços, entrelaça nossos dedos. Ele está enrolando. Mas por que?

Solto uma risada nervosa e peço que acabe com a minha agonia. Então, finalmente, ele desamarra o lenço.

Mas o que?...

Estamos na cachoeira. A mesma cachoeira que frequentamos desde que nos conhecemos. O local onde ele me pediu em namoro depois que descobriu que eu disse a Sávio que éramos apenas ficantes. Não entendo o que mudou para que eu precisasse estar vendada.

Olho-o confusa, embora esperançosa de que a explicação venha.

— A sua cachoeira? — olho em volta e está tudo igual — Não entendo.

Ele retira o tudo preto que estava pendurado em seu ombro. Era isso que eu havia sentido. Desenrosca uma tampa e dali sai um enorme rolo de papel branco. Inácio fica ao meu lado, abre os braços diante de mim estendendo a folha.

É um projeto.

Não uma planta, mas sim o desenho de uma casa ampla de um andar sobre a queda d'água. Meu Deus! É a coisa mais linda que já vi. Não posso tirar os olhos, reparo nos detalhes.

— Você vai construir isso aqui? — pergunto bruscamente. Estou tão surpresa e encantada.

— Viveria aqui comigo, Agatha?

Congelo. Desvio o olhar do desenho e encaro o seu rosto esperando confirmar o que ouvi. Ele não está brincando. Os intensos olhos dourados estão fixos nos meus, testa e lábios franzidos do jeito que faz quando está atento.

As palavras não vêm. Abro e fecho a boca tentando elaborar uma frase coerente. Por outro lado, meu cérebro bate picos de funcionamento. Volto no tempo, penso em tudo que vivi, o caminho que andei para chegar aqui. Lembro-me da primeira vez que vi Inácio: a expressão em seu rosto era de desconfiança, a postura superior e autoritária. E agora estamos aqui.

— Lembra quando disse que te faria feliz? — concordo com a cabeça — Aceita ser feliz, para sempre?

Engulo o nó crescente em minha garganta e digo:
— Aceito.

FIM.

Outras obras da autora:

Alívio – Série Malamam I

www.amazon.com.br/dp/B00U3Z55XO

Declínio – Série Malamam II

www.amazon.com.br/dp/B0149DOQBM

Lascivo – Série Malamam III

<https://www.amazon.com.br/dp/B01CILXYOW>

Bento – Um conto Malamam

<https://www.amazon.com.br/dp/B01J2Y6GSE>

Matteo – Entre o amor e o tormento (Série Herdeiros Malamam)

<http://a.co/eZkXsC3>

O Herdeiro

www.amazon.com.br/dp/B00P4CBS78

No Limite do Prazer

www.amazon.com.br/dp/B00OB3RWQ2

Tato: O poder das mãos.

<http://a.co/jlpLJb0>

Severa Mácula

<http://a.co/69E5iV1>